

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

setembro-outubro de 2011



Começando em mim

O exemplo do pastor é fundamental
para o reavivamento da igreja

O poder do toque divino

Lições do chamado feito a Jeremias

Retrato de um pastor, p. 15

Excelência espiritual, p. 27





A verdadeira reforma

Como adventistas do sétimo dia, seguidores de Jesus Cristo, constantemente temos sido lembrados da necessidade de reavivamento e reforma em nossas congregações e em nossa própria vida. Entretanto, o apelo para essa reforma pessoal e corporativa, que nos vem da parte da liderança mundial da igreja, nos desafia a fazer uma pergunta fundamental: Que tipo de reavivamento e reforma necessitamos?

Possivelmente, alguns desejem que voltemos a certas práticas antigas; coisas que costumávamos usar como, por exemplo, roupas fora de moda ou antigos sistemas e estilos de culto. Outros talvez sugeriram que devemos descartar aleatoriamente toda e qualquer coisa do passado. Na verdade, alguns de nós temos experimentado muitas formas distorcidas de reforma, ao longo da vida. Assim, quando ouvimos mais um chamado à busca de reavivamento e reforma, precisamos nos perguntar qual é o tipo de reforma que precisamos e devemos experimentar.

A verdadeira reforma sempre encontra seu centro em Deus e Sua Palavra, que é poderosa e transformadora de vidas. Nossas tradições longamente mantidas e opiniões acariciadas devem ser postas à prova pela Palavra de Deus. Ensinos fundamentados em tradições ou práticas que não mais funcionam necessitam ser descartados, independentemente de quão antigos e acariciados eles sejam. Reforma não se refere tanto ao que é velho ou novo, mas à entrega de nossa vida à transformadora influência de nosso Criador e Redentor.

O salmista Davi ansiava experimentar uma reforma em sua vida, quando escreveu as palavras do Salmo 51:10-12:

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me repulses da Tua presença, nem me retires o Teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da Tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário.”

A reforma de que todos nós necessitamos é uma contínua harmonização de nosso coração e vida à vontade de

Deus. Muito facilmente, vemos a necessidade de reforma para os outros, mas primeiramente devemos ouvir o chamado como sendo feito a nós mesmos, um chamado para permitirmos que Deus nos modele, transforme, de modo que possamos refletir mais plenamente a beleza do Seu caráter para todos os Seus filhos.

Depois de ter lido Jeremias 18, a compositora Adelaide Pollard permitiu que o Senhor reformasse sua vida e expressou a nova experiência com Deus em palavras que têm abençoado incontáveis seguidores de Jesus, desde o dia em que esta oração foi escrita em 1902:

“Fica à vontade, Senhor! Fica à vontade! Tu és o Oleiro; eu sou o barro! Molda-me e faze de mim o que Tu queres, segundo a Tua vontade, enquanto permaneço esperando, submissa, calma e tranquila.”

De que maneira o Oleiro deseja nos reformar? Com o que ficaremos parecidos, depois que a reforma acontecer? No contexto de reavivamento e reforma, as mudanças talvez tenham pouco que ver primeiramente com nosso exterior – tipo de roupa,

cor de cabelo, estilo de culto – e muito mais que ver com a entrega de nosso coração e vida para que sejam modelados e transformados por Deus. A oração de Pollard ainda é oportuna, nestes dias em que buscamos experimentar uma reforma pessoal e coletiva na igreja. Desafio você a não apenas ler o testemunho que ela deixou, mas a vivê-lo:

“Fica à vontade, Senhor! Fica à vontade, Senhor! Conduze meu ser sob Teu absoluto controle! Enche-o com Teu Espírito, até que todos possam ver unicamente Cristo, sempre, vivendo em mim!”

Quem necessita desse tipo de reforma? Certamente, todos nós necessitamos. Somente quando permitirmos que o Oleiro inicie ou continue Sua obra de transformação e reforma em nós, poderemos falar com credibilidade àqueles aos quais lideramos. Verdadeira reforma resulta em um testemunho centralizado em Cristo, por meio do qual todos aqueles que nos cercam podem vê-Lo, unicamente e sempre, vivendo em nós. ■

*“Cria em mim, ó Deus,
um coração puro e renova
dentro de mim um espírito
inabalável” (Davi)*

Editor:
Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação:
Lenice F. Santos

Chefe de Arte:
Marcelo de Souza
Designers Gráfico:
Marcos Santos e Fábio Fernandes
Foto da Capa:
Viktor Kuryan / Fotolia

Colaboradores Especiais:
Bruno Raso; Marcos Bomfim;
Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:
Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;
Bolívar Alaña; Edilson Valiante; Felix
Santamaria; Geovane Souza; Heriberto
Peter; Horácio Cayrus; Ivanaudo B. Oliveira;
Jair Garcia Góis; Leonino Santiago; Luiz
Martinez; Montano de Barros Netto;
Nelson Suci; Samuel Jara; Walter Dávila.

Diretor Geral:
José Carlos de Lima
Diretor Financeiro:
Edson Enthal de Medeiros
Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE


Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 49,70
Exemplar Avulso: R\$ 10,34

 **CASA
PUBLICADORA
CASA BRASILEIRA**
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

Tiragem: 5.000 exemplares

5960/24960



Foto: Daniel Oliveira

Um profeta em chamadas

Faz muito tempo que um texto do livro de Jeremias exerceu em mim grande impacto: “Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais” (Jr 20:9). Eu era apenas um adolescente, esperando o momento em que iniciaria meu preparo ministerial, quando li esse texto pela primeira vez. O impacto foi tão forte que ele ficou indelevelmente gravado em minha mente e em meu coração, com as mesmas palavras da versão bíblica a que tive acesso na ocasião: “Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então a Sua Palavra me foi no coração, como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; fiquei cansado de suportar e não consegui deter-me.”

Essa declaração está incluída em um lamento (Jr 20:7-18), no qual o profeta, conhecido como pessoa sensível, expressa sentimentos próprios da humanidade, embora a história de sua vida e seu ministério deixe claro que esses sentimentos não prevaleceram sobre a convicção do dever profético.

No mencionado texto, encontramos Jeremias lutando com alguma dose de frustração. Diante disso, ele foi tentado a imaginar que a única saída que lhe restava era renunciar à missão de ser porta-voz de Deus. Decidiu, então, calar-se e jamais mencionar o nome de Deus para qualquer pessoa, mas isso não funcionou. A convicção do chamado é irresistível, e Jeremias a sentiu como “fogo ardente”, queimando-lhe os ossos, impulsionando-o ao cumprimento do dever. Mesmo enfrentando dificuldades, sentiu que recuar seria ainda mais difícil do que avançar contra elas. Era preciso dar a mensagem, apesar da desonra e da perseguição. Então, o Senhor Se tornou para ele aquilo que deseja Ser para nós: “um poderoso guerreiro” capaz de nos livrar “das mãos dos malfeitores” (Jr 20:11, 13).

Tenhamos em mente que o chamado divino não remove do nosso caminho as dificuldades. “Obstáculos, oposição e amargo e desolador desânimo, o obreiro tem de enfrentar... A despeito de tudo isso, porém, encontra em seu trabalho uma bendita recompensa. Todos quantos se entregam a Deus num serviço desinteressado pela humanidade estão cooperando com o Senhor da glória. Esse pensamento adoça toda fadiga, retempera a vontade, revigora o espírito para qualquer coisa que possa sobreviver. Trabalhando com coração abnegado, enobrecidos pelo fato de ser participantes dos sofrimentos de Cristo, partilhando de Sua compaixão, eles contribuem para aumentar sua alegria, e trazem honra e louvor a Seu exaltado nome. Na companhia de Deus, de Cristo e dos santos anjos, são envolvidos num ambiente celeste, ambiente que traz saúde ao corpo, vigor ao intelecto e alegria ao coração” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 513). ■

Zinaldo A. Santos

10 AULAS NO DESERTO

Veja três características indispensáveis ao líder espiritual no século 21.

12 "ONDE ESTÁ A ALEGRIA?"

Pastor conta como perdeu e recuperou o sentido de realização vocacional.

15 RETRATO DE UM PASTOR

Conselhos do apóstolo Pedro aos pastores modernos.

18 COMEÇANDO EM MIM

Na busca do reavivamento, o exemplo do pastor fala mais alto.

22 O PODER DE UM TOQUE

Lições que podemos aprender do chamado de Jeremias.

25 NA MIRA DO ADVERSÁRIO

A evidência do trabalho pastoral exige que estejamos em constante vigilância.



Kamaga / Fotolia

27 EXCELÊNCIA ESPIRITUAL

Virtudes que fizeram de Daniel um homem diferenciado em seu tempo.

30 JUBILAÇÃO JUBILOSA

A aposentadoria pode ser uma etapa de aventuras e venturas. Depende de você.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Por Cristo vivemos e por Ele morremos. Nada nos intimida. Nada nos espanta. Nada nos detém. Somos livres em Cristo e de Cristo escravos somos. Somos Suas testemunhas, Seus colaboradores, Seus servos, Seus embaixadores. Sua propriedade somos.”

Mário Veloso

A motivação certa



Foto: Cortesia do entrevistado

“Quando consigo me concentrar em Jesus, desejo me envolver no ministério; quero trabalhar com Ele, descentralizado de mim mesmo”

por **Pablo Millanao**

O pastor Jerry Page cresceu em lar adventista. Seu pai era diretor de publicações e a mãe, professora. Ambos trabalhavam para a igreja com muita dedicação. Durante a juventude, o pastor Page experimentou um período de muita rebeldia; mas, graças às orações de seus pais, ele se voltou para o Senhor e Lhe dedicou a vida por meio do ministério pastoral. Como fruto de seu casamento com Janet, nasceram dois filhos. O primogênito é advogado e trabalha no Instituto Weimar (centro de saúde e educação integral da igreja,

localizado na Califórnia). O outro estudou teologia e tem-se dedicado a diversos ministérios relacionados com jovens. O casal Page tem dois netos.

Por ocasião da última assembleia da Associação Geral, realizada em Atlanta em julho do ano passado, o pastor Jerry Page foi eleito secretário ministerial para o atual quinquênio. Em visita ao Brasil, durante o concílio ministerial realizado em maio, em Foz do Iguaçu, PR, ele falou a Pablo Millanao, editor da revista *Ministério*, da Associação Casa Editora Sudamericana, Aces, Argentina.

Durante a entrevista, o pastor Page compartilhou algumas impressões e pontos de vista pessoais sobre a vida pastoral.

Ministério: *O que o levou a se tornar pastor?*

Page: Depois que me voltei para o Senhor, experimentei uma conversão que classifico em um nível de 110%. Senti-me chamado para um trabalho de tempo integral. Então, tive oportunidade de estudar na Universidade Andrews, onde me preparei para o ministério pastoral.

Ministério: *Que papel têm desempenhado as Escrituras em sua vida? De que modo elas têm moldado seu ministério?*

Page: No processo de minha conversão, a Bíblia me permitiu compreender a segurança da salvação. Em certo sentido, minha formação foi bastante legalista. Na juventude, como resultado de estudo e pesquisa da Palavra de Deus, os escritos de Paulo aos cristãos romanos foram bastante significativos para mim. As Escrituras se constituem a base do meu ministério, junto com os escritos de Ellen G. White. Tanto a Bíblia como esses escritos têm sido úteis e enriquecedores para minha vida e meu pastorado.

“Nosso real valor está em percebermos que ainda nos falta muito para ser o que Deus deseja que sejamos”

Ministério: *O senhor sempre apresenta uma noção bastante realista da função ministerial, com suas lutas e seus desafios. Por que razão prefere essa abordagem?*

Page: Minha esposa e eu fomos chamados a um ministério no qual compartilhamos nossa vida de oração, e sentimos como Deus nos tem tocado e transformado. Nessa experiência temos descoberto que os líderes da igreja também são vulneráveis. Temos nossas quedas e tropeços, em meio aos quais Deus atua com a manifestação de Sua graça. As pessoas podem se identificar facilmente com essas vivências – sejam pastores ou membros da igreja – ao ver que os pastores também têm suas lutas e estão no mesmo caminho em que elas estão. Quando percebem que alguém é honesto nesse sentido, poderão respeitar a liderança exercida por essa pessoa em outras áreas e nessa liderança confiar.

Ministério: *O ministério pastoral sempre apresenta desafios e obstáculos. Qual tem sido o princípio que sempre o tem ajudado a superá-los?*

Page: Ellen G. White disse que devemos considerar cada dificuldade como sendo um chamado à oração. Sempre podemos correr para Deus em oração, e esse tem sido um princípio vital em minha vida. Além disso, aproveito a experiência e os conselhos de outras pessoas. Porém, sobretudo, passar tempo com Deus, Sua palavra, e em oração, é uma prática que tem sido chave para mim. Peço que Ele me dê sabedoria e orientação necessárias para enfrentar a vida e os desafios pastorais. Nesse exercício espiritual, encontro as melhores respostas. Nem sempre são respostas diretas ao meu problema, contudo, a presença de Deus me reconforta e me dá segurança. Ou, simplesmente, me revela alguma coisa para a qual eu não tinha atentado antes. Estando só, com a Palavra e a oração, encontro consolo para todos os desafios e obstáculos.

Ministério: *De acordo com sua experiência, em que momento o ministério pode se converter em uma carga para o pastor? Como isso fica evidenciado?*

Page: Estou seguro de que existem diversas respostas para essa pergunta, e não quero ser simplista. Apesar de tudo, o convite e a promessa registrados em Mateus 11:28 são significativos. Quando Ellen White comentou a respeito disso, ela se dirigiu aos líderes e às pessoas mais ativas na igreja. Devido à carga de responsabilidades, a quantidade de tarefas e a pressão com que imaginam que devem agir, muitos líderes têm deixado escapar o tempo que deveriam passar com Jesus. Acredito que o estresse é produzido quando sentimos que não estamos conseguindo alcançar os resultados esperados. Consequentemente, nos preocupamos e nos frustramos. Em última instância, o problema está no fato de não estarmos compartilhando

o jugo com Jesus, permitindo-Lhe que leve nossa carga. Deixamos de permanecer nEle e de confiar nos planos que Ele tem para nós. Ao contrário disso, tentamos satisfazer as expectativas do nosso entorno, as que outras pessoas nos têm imposto, e trabalhamos com base em nossas próprias forças. Naturalmente, não podemos ir bem, e a frustração só aumenta. Para mim, a solução do problema está em permanecermos tão unidos e cheios do Espírito Santo, junto a Cristo, para que Ele nos dê a paz e o êxito que planeja conceder-nos. Pode haver muitas outras razões que expliquem o estresse, mas acredito que a principal é que não estamos alimentando o companheirismo íntimo com o Senhor. Precisamos ouvi-Lo constantemente e permitir que, em Seu poder, Ele dirija nosso trabalho, a fim de experimentarmos êxito e satisfação.

Ministério: *Quais foram as impressões que o senhor captou dos pastores sul-americanos, durante o concílio ministerial?*

Page: Minha esposa e eu nos sentimos muitíssimo abençoados com a oportunidade de conhecê-los. Não sabemos muito bem o idioma, de modo que pudéssemos nos comunicar melhor, mas, olhar nos olhos, nos rostos, e receber tantos abraços, foi uma experiência muito alentadora. Na medida em que pudemos compartilhar nossa experiência e jornada com o Senhor, sentimos que se identificaram com ela. Percebi que os pastores têm um genuíno interesse de conhecer Jesus, participar do progresso de Sua causa e que o reavivamento e reforma possam acontecer de maneira poderosa na experiência de cada um deles. Esta é uma impressão muito grata. Notamos que os pastores não apenas estão trabalhando arduamente no desenvolvimento de programas para suas respectivas igrejas, mas que, além disso, estão interessados em

aprofundar o relacionamento com Jesus e desejosos de que os familiares participem diariamente da salvação de pessoas.

Ministério: *A liderança da Divisão Sul-Americana propôs a distribuição de 36 milhões de livros missionários em 2012. O senhor tem algum conselho sobre a maneira pela qual os pastores possam usar esse recurso como parte de seu plano e estratégia de trabalho?*

Page: Tenho certeza de que a Divisão Sul-Americana tem muitas boas ideias sobre maneiras de testemunhar. O pastor Jonas Arrais, secretário ministerial associado da Associação Geral, que é sul-americano, me disse que a oração não é algo que praticamos apenas num concílio ministerial como aconteceu neste encontro, para depois sair em busca de certos métodos que possamos aplicar no trabalho. A oração é o método. Temos comprovado que orar com vizinhos e colegas de trabalho é uma boa ideia, antes de lhes entregar o livro; esse gesto prepara o coração. A grande maioria aceita que oremos, afinal todos precisam das nossas orações, pois enfrentam problemas familiares, no trabalho e em outras áreas da vida. Acredito que a oração é a cunha de entrada para entregar às pessoas o livro *A Grande Esperança*. Deus nos dará entendimento para saber a quem e quando entregar o livro. Assim, temos duas opções: podemos sair e simplesmente distribuir literatura a esmo, ou podemos direcionar melhor o trabalho, por meio da oração. Que as pessoas em nossas igrejas e lares orem para que Deus as guie e oriente. Acredito que dessa maneira será mais benéfico em longo prazo.

Ministério: *Constantemente estamos ouvindo falar de uma suposta crise no púlpito, atribuída ao fato de que a Bíblia talvez esteja perdendo seu lugar de proeminência. O que o senhor acha disso?*

Page: Existe uma citação na qual Ellen G. White declara que um dos últimos enganos consistiria em se minimizar a importância da Bíblia. Falando sobre a obra do espiritismo, ela diz que “o povo é ensinado a considerar o decálogo como letra morta. Fábulas aprazíveis, fascinantes, cativam os sentidos, levando as pessoas a rejeitar as Sagradas Escrituras como o fundamento da fé. Cristo é tão verdadeiramente negado como antes; mas Satanás a tal ponto cegou o povo que o engano não pode ser discernido” (*O Grande Conflito*, p. 558). Então, primeiramente, vejo a observação contida na pergunta como sinal dos tempos em que vivemos, porque há quem deseje se desfazer de partes da Bíblia, pelo fato de que ela alcança e desmascara pecados e maus hábitos. Isso simplesmente revela que a batalha entre Cristo e o adversário está aumentando em intensidade, inclusive dentro da igreja. O inimigo deseja nos afastar da Palavra, que nos mantém em pé nestes últimos dias. É vital que preguemos a Palavra, que ela habite em nós e vice-versa.

“Quanto mais perto estivermos de Jesus, daremos mais frutos, glorificaremos ao Pai e nosso gozo será completo”

Ministério: *O que pode motivar o pastor a passar mais tempo com Deus e Sua Palavra, antes de sair apressado para cumprir seus afazeres?*

Page: Se o pastor tem fundamentado seu ministério na Palavra e nos escritos inspirados, já deve estar motivado. Contudo, se nos detivermos a pensar no que Deus realmente deseja, por mais que pareçamos ter êxito à luz de nossas

opiniões, perceberemos que sequer tocamos a superfície do que Deus deseja realizar por nosso intermédio. Essa ideia deve sempre nos motivar para que nos voltemos a Deus e passemos mais tempo com Ele. As pessoas podem achar que somos pastores de sucesso, mas o real valor está em percebermos que ainda nos falta muito para ser o que Deus deseja que sejamos. Isto sempre me causa impacto, ou seja, a percepção de quão débil sou em relação ao potencial que Deus deseja desenvolver em mim. Todos necessitamos ser reavivados. Para alcançar o que Deus nos tem proposto, é preciso que se cumpra em nós a mensagem de João 15: permanecer nEle. Jesus disse que poderíamos fazer muito mais do que Ele fez; que poderíamos pedir qualquer coisa em Seu nome e seria concedida, se permanecêssemos nEle. Quanto mais perto estivermos de Jesus, daremos mais frutos, glorificaremos ao Pai e nosso gozo será completo, maior será nossa felicidade. Ou seja, estar feliz e em paz também pode servir de motivação. Achando essas bênçãos aos pés de Jesus, logo as revelamos em nosso ministério.

Ministério: *Muitos dos nossos pastores aceitaram o chamado de Deus há vários anos. Apesar disso, muitos têm perdido a paixão e as convicções que, em algum momento, os motivavam. Que conselho o senhor daria, para que a chama do pastorado seja novamente acesa?*

Page: A revelação de Deus nos indica que devemos contemplar Jesus. Contemplando-O e conhecendo-O, somos movidos a partilhar o conhecimento dEle com outras pessoas. Quando consigo me concentrar em Jesus, desejo me envolver no ministério; quero trabalhar com Ele, descentralizado de mim mesmo. Acredito que essa é uma das melhores formas de ser reavivado no ministério pastoral. ▀



A regra de ouro

“Neste mundo carente de valores, a conduta pastoral deve exemplificar princípios éticos e morais”

Como cristãos, existimos para fazer diferença neste mundo turbulento e desprovido de valores. Essa não é uma tarefa para ser facilmente realizada por nós mesmos, razão pela qual devemos nos colocar nas mãos de Deus, para ser o sal da Terra e a luz do mundo (Mt 5:13, 14).

Isso é verdade, especialmente em relação ao pastor. Como vitrine humana para a sociedade em geral, ele é admirado e defendido por muitas pessoas, antipatizado e visto com indiferença por outras, além daquelas que tramam para denegrir e destruir seu trabalho.

É nesse ponto que, em nosso pensamento, devem ser realçadas duas palavras fundamentais para o enobrecimento da conduta pastoral. São elas: ética e moral. A primeira pode ser definida como “conjunto de valores que orientam o comportamento do indivíduo em relação a outras pessoas na sociedade em que vive, garantindo, igualmente, o bem-estar social”. De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio*, moral é o conjunto de regras de conduta consideradas válidas para qualquer tempo ou lugar, quer para um grupo ou uma pessoa.

São dois conceitos da mesma realidade. O termo “ética” deriva do grego *ethos*, cujo significado é “modo de ser”. A palavra “moral”, por sua vez, é originária do latim *mores*, que significa “costumes”. Émile Durkheim, cientista que viveu entre 1858 e 1917, explicava a moral como “ciência dos costumes”, sendo algo anterior à própria sociedade, ou seja, o homem tem a consciência de distinguir o bem do mal, no contexto de sua existência.

No pastorado

O pastorado é uma tarefa da qual se pode dizer que é multidisciplinar, considerando que o pastor atua como líder, conselheiro, psicólogo, educador, conciliador, treinador, pregador, administrador, entre outras atividades que envolvem relacionamento interpessoal. Por isso, ele precisa ser cuidadoso e respeitoso no uso das palavras, na emissão de opiniões pessoais, na liderança de comissões, no trato com líderes e liderados, no auxílio que presta a eventuais consulentes, evitando a vulgaridade na expressão do

bom humor, no trato com o sexo oposto e no lazer. Como esposo e pai, jamais ele deve economizar palavras e atitudes expressivas de amor e atenção para com a esposa e os filhos.

No trabalho pastoral, atitudes discriminatórias não têm lugar. Esse é um trabalho inclusivo, cujo objetivo é restaurar e salvar todas as pessoas. Embora, até mesmo por causa das diferenças de personalidade, alguns indivíduos sejam mais exigentes no trato requerido, precisamos nos lembrar de que Cristo deu a vida por todos. Essa é a principal razão pela qual o pastor deve amar todas as pessoas. Como pregador e educador, o pastor não tem o direito de impor caprichosamente conceitos pessoais, independentemente do “assim diz o Senhor”. Ao enveredar por esse rumo, ele perde o objetivo para o qual foi chamado, ou seja, o de pregar e ensinar a Palavra de Deus.

Atenção aqui!

Necessitamos permanecer atentos para não ferir a ética pastoral. Tenha em mente os exemplos de situações em que isso pode acontecer: Criticar colegas de ministério, fazer comentários sobre divergências ministeriais diante de pessoas alheias à função pastoral, criticar outras denominações religiosas, falar sobre assuntos restritos ao ambiente do aconselhamento pastoral, criticar líderes e liderados, aceitar críticas a colegas de ministério, e a lista pode aumentar. No momento em que o pastor cai numa dessas armadilhas, perde a força moral para aconselhar e orientar o rebanho contra a maledicência. Ele mesmo deixa de ser confiável.

Lembre-se: os liderados farão o que você exemplificar. Por isso, é importante ter sempre em mente o conselho de Paulo: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros. Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus” (Fp 2:3-5, NVI).

Finalmente, existe a regra áurea para nortear todo tipo de relacionamento, estabelecida pelo próprio Jesus Cristo: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam” (Mt 7:12, NVI). ▀

23 de outubro

Dia do Pastor

... e das vocações ministeriais



“...Eis que ponho na tua boca
as Minhas palavras”

Jeremias 1:9





Professor e diretor do Centro White de Pesquisa, na Universidade del Plata, Argentina

Aulas no deserto

“Os analfabetos do século 21 não serão os que não sabem ler nem escrever, mas os que não sabem aprender, desaprender nem reaprender”

A informação que o livro do Êxodo nos fornece sobre os primeiros anos da vida de Moisés é simples e concisa. É-nos dito que Moisés foi um bebê formoso, nascido no lar de Anrão e Joquebede (Êx 6:20). De acordo com o relato bíblico, depois de passar os primeiros anos com a mãe, ele cresceu e foi educado na corte egípcia (Êx 2:9-11), porém, precisou experimentar novo processo educativo, durante longo tempo (Êx 2:15). Moisés é exemplo de um preparo obtido em etapas: no Egito, na terra de Midiã e no deserto.

Sua experiência consistiu em aprender, desaprender e reaprender, até se tornar o grande líder libertador de Israel. Em nossos dias, precisamos

de líderes semelhantes a Moisés, pois como disse Alvin Toffler, “os analfabetos do século 21 não serão os que não sabem ler nem escrever, mas os que não sabem aprender, desaprender nem reaprender” (*El Correo de la Unesco*, março, 2000).

Quais foram as lições aprendidas por Moisés em seu processo de reeducação? Certamente, desaprendeu muitas coisas e reaprendeu o que era mais importante. Que espera o Senhor que Seus líderes aprendam neste tempo? Em busca de resposta para essas perguntas, será muito útil fazermos uma nova leitura do Êxodo. Tendo como base esse documento inspirado, perceberemos pelo menos três marcas de aprendizado significativo na experiência de Moisés.

Sobre si mesmo

A primeira lição aprendida por Moisés foi a da humildade, embora isso não lhe tenha sido fácil. À semelhança de Moisés, também achamos difícil aprender a humildade e, em alguns casos, isso demora a vida inteira. Quando Deus o enviou a Faraó, com o propósito de libertar os israelitas do cativeiro egípcio, Moisés deu claras evidências de haver desenvolvido um conceito modesto a respeito de si mesmo: “Moisés, porém, respondeu a Deus: ‘Quem sou eu para apresentar-me ao faraó e tirar os israelitas do Egito?’” (Êx 3:11, NVI). Porém, o Senhor insistiu com ele e Moisés continuou se mostrando consciente das próprias limitações: “Disse, porém, Moisés ao

Senhor: ‘Nunca tive facilidade para falar, nem no passado nem agora que falaste a Teu servo. Não consigo falar bem!’” (Êx 4:10). Mais adiante, ele perguntou: “Se os israelitas não me dão ouvidos, como me ouvirá o faraó? Ainda mais que não tenho facilidade para falar!” (Êx 6:12, 30).

Apesar disso, Deus não parece estar preocupado com nossas limitações, mas com nossa arrogância e autossuficiência. Ellen G. White escreveu: “Ao escolher homens e mulheres para Seu serviço, Deus não indaga se possuem saber, eloquência ou riquezas mundanas. Pergunta: ‘Andam eles com tanta humildade, que Eu lhes possa ensinar Meus caminhos? Posso pôr-lhes nos lábios as Minhas palavras? Eles Me representarão?’

“Deus pode usar cada pessoa na proporção exata em que Lhe é possível colocar Seu Espírito no templo da alma. A obra que Ele aceita é aquela que reflete Sua imagem. Seus seguidores devem apresentar, como credenciais perante o mundo, as indelévels características de Seus princípios imortais” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 144).

Moisés também aprendeu a lição da dependência de Deus, qualidade intimamente relacionada à humildade e ao reconhecimento das próprias limitações. Em um momento de grande crise diante do Mar Vermelho (Êx 14:13-15), ele clamou a Deus. Quando o povo sedento murmurou contra ele diante das águas amargas de Mara, novamente ele clamou a Deus (Êx 15:25). Os filhos de Israel reclamaram com Moisés por falta de água, então o grande líder outra vez clamou à fonte de toda solução (Êx 17:4). Depois da grande apostasia, no episódio do bezerro de ouro, Deus prometeu a Moisés que Sua presença estaria com ele (Êx 33:14). Ali, o notável líder, com palavras cheias de beleza, expressou a necessidade que tinha de Deus: “Se não fores conosco, não nos envies” (Êx 33:15, NIV).

Diante da adversidade, deserção e incompreensão, a lição mais impor-

tante que necessitamos aprender tem que ver com nossa dependência de Deus e de Sua presença.

Sobre o semelhante

Aprender a delegar tarefas também é uma consequência da humildade e da dependência de Deus. É entender que não podemos fazer tudo sozinhos, que outros também podem ser usados de maneira eficaz por Deus.

O relato da visita de Jetro a Moisés é fascinante e didático. Moisés trabalhava desde a manhã até à noite, porém seu sogro não estava favoravelmente impressionado com isso, e lhe disse: “Não é bom o que fazes”. Diante disso, seu conselho foi concreto e certo: Submeta seus assuntos a Deus, dedique-se a ensinar a vontade de Deus ao povo, escolha homens virtuosos e os estabeleça como chefes do povo. Então, dedique-se às coisas maiores e reparta sua carga.

Faz alguns anos, eu me encontrava empenhado em fazer o que era possível, em meu primeiro distrito pastoral. Por falta de recursos, andava de bicicleta, quando um ancião me encontrou na rua e me disse: “Eu queria ajudá-lo, mas não sei o que o senhor espera de mim”. São muitos os que poderiam fazer sua parte e multiplicar as ações, se apenas aprendêssemos a confiar e delegar tarefas.

Moisés aprendeu a interceder por outros diante de Deus. Orou em favor do povo no momento de maior apostasia (Êx 32:7-14); pediu que Deus não destruísse o povo, como planejava, e Deus o atendeu. Rogou pelo perdão divino com palavras comovedoras: “Ora, o povo cometeu grande pecado, fazendo para si um deus de ouro. Agora, pois, perdoá-lhe o pecado; ou, se não, risca-me peço-Te, do livro que escreveste” (Êx 32:31, 32).

Isso significa que Moisés aprendeu a confiar em outras pessoas e a amar seu povo. Aprender a delegar, confiar, amar as pessoas, e orar em favor delas, mesmo nos piores momentos, é uma lição difícil, mas imprescindível a todo líder espiritual.

Sobre Deus

Ao descer do monte, Moisés levava consigo as tábuas da lei, escrita com o dedo de Deus. Porém, o povo estava realizando uma festa idólatra diante de um bezerro de ouro. Ao ver o triste espetáculo, Moisés “arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte” (Êx 32:19, 20). Apesar disso, o servo de Deus não foi repreendido, pois expressou apenas a indignação do Senhor contra o pecado. Havia aprendido que o pecado não é menos significativo simplesmente pelo fato de os homens o ignorarem. Desse modo, Seus servos devem chamar o pecado pelo nome e repudiar o mal como Deus o faz.

Moisés aprendeu a admirar o caráter de Deus e expressou um desejo que foi atendido pelo Senhor. “Então ele disse: Rogo-Te que me mostres a Tua glória” (Êx 33:18). Deus o fez e Moisés entendeu mais profundamente que Deus é “compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado...” (Êx 34:6, 7). Não pode haver anelo maior que o de conhecer Deus, a fim de torná-Lo conhecido de outros, sem distorções, exatamente como Ele é, em uma comunicação sem ruído.

Poderíamos dizer que houve um Gênesis e um Êxodo na vida de Moisés; um novo começo e uma nova saída. Semelhantemente, os líderes de nosso tempo necessitam retornar à escola da vida, para desaprender e reaprender. As lições aprendidas por Moisés o converteram em um dos maiores líderes da história. As mesmas lições potencializarão nossa vida de serviço ao Senhor e ao Seu povo.

Quanto a nós mesmos, necessitamos aprender a ser humildes e a depender de Deus. Quanto ao nosso semelhante, precisamos aprender a confiar nos outros e amá-los, de modo que possamos delegar e interceder. No que se refere a Deus, devemos nos lembrar de que o Senhor despreza o pecado, porém ama o pecador. ▀

Pastor metodista em
Lebanon, Tennessee,
Estados Unidos

"Onde está a alegria?"

*Como um pastor recuperou a
perdida felicidade em sua vocação*

Vinte e três anos atrás, eu me senti quase completamente esgotado como pastor. Muitos fatores contribuíram para essa minha "quase morte" ministerial, experimentada nos meus 30 anos. Eu trabalhava em uma comunidade que tinha sofrido um colapso econômico massivo. Minha igreja gostava de contendas. Muitos membros me criticavam implacavelmente. Eu estava desenvolvendo um programa para obtenção de doutorado em ministério, realizando pregações e

seminários, escrevendo livros e artigos. Rotineiramente, permanecia trabalhando até às duas horas da manhã.

Depois de dois anos nesse ambiente cansativo, eu me vi exaurido fisicamente, mentalmente, emocionalmente e espiritualmente. Em meu pior momento, me encontrei com um colega que, preocupado, me fez uma pergunta que atingiu em cheio meu coração: "Martin", ele perguntou, "onde está a alegria?" Essa incisivamente honesta pergunta me deixou atordoado, até que

finalmente respondi: "Não sei onde está a alegria. Mas, se eu não encontrá-la novamente, e logo, não sobreviverei muito tempo nessa situação."

Felizmente, a encontrei de novo e ela continua comigo hoje. Aos 53 anos, sinto mais alegria vocacional do que sentia antes. O que apresento neste artigo são práticas que reacenderam minha alegria e a têm conservado viva por mais de vinte anos. Espero que você aprenda alguma coisa destas lições, e para isso oro ao Senhor.

Cuidado de si mesmo

Três semanas depois de admitir que minha alegria vocacional se havia dissipado, eu me matriculei para assistir a um seminário sobre cuidado pessoal do pastor. A palestrante abordou todos os tópicos pertinentes: prática regular de exercícios físicos, dieta saudável, tempo para descansar, estabelecimento de limites, disciplina espiritual e desenvolvimento de um sistema de apoio. No fim do dia, o líder do seminário, como um pregador de reavivamento, fez um apelo desafiando cada participante a se “divertir diariamente, ter um dia de descanso na semana e tirar férias anuais”.

Esse conselho salvou minha vocação. Enquanto dirigia o automóvel, de volta para casa, prometi a Deus e a mim mesmo que colocaria em prática o tríptico conselho. Chegando em casa, fiz a mesma promessa à minha família, tendo em mente que o cumprimento dela exigia significativos ajustes em meu estilo de vida compulsivo para o trabalho. Iniciei esses difíceis ajustes negociando minhas prioridades com as comissões das igrejas. Concordamos em que minhas cinco maiores prioridades eram pregar, liderar o culto, treinar pessoas, exercer liderança geral, supervisionar o programa geral e pastorear as pessoas. Além disso, muitos dos meus deveres teriam que ser renunciados. Por exemplo, eu delegaria algumas responsabilidades a líderes-chave. Eu não precisaria assistir a muitas reuniões e atividades. E também reduziria alguns projetos de escrever.

Evidentemente, eu não pretendia que essas mudanças seriam fáceis. Elas também desapontavam alguns membros que gostariam que eu continuasse em meu velho e insustentável sistema de trabalho. Entretanto, à parte da decisão de aceitar Cristo, casar com minha esposa, ter dois filhos e me tornar pastor, a decisão de colocar em prática as orientações recebidas foi a mais importante que eu tinha feito até então.

No dia seguinte ao seminário, imediatamente implementei a estratégia proposta: diversão diária, descanso

semanal e férias anuais. Funcionou tão bem, que estou fazendo isso há mais de vinte anos. Durante quatro dias da semana, minha diversão diária é praticar esportes e andar de bicicleta. Também incluo em alguns dias escrever, fazer refeição fora de casa com minha esposa, ler um livro, revistas ou ver televisão. Embora as diversões variem cada dia, procuro sempre fazer algum trabalho não relacionado com a igreja, e isso tem me mantido mais equilibrado como pastor e como pessoa. Cada semana separo um dia para descansar, os membros da igreja sabem disso e respeitam. A menos que alguém morra, não trabalho nesse dia. Durmo até mais tarde, leio, escrevo e-mails para amigos, e almoço fora com minha esposa. À noite, algumas vezes, recebemos ou visitamos amigos, ou recebemos nossa filha e nosso neto para o jantar. Isso me restaura plenamente.

Há muito tempo, costumo tomar duas ou três semanas de férias em julho e o restante em janeiro. Considerando a recomendação da administração do Campo, para que tenhamos quatro semanas de férias, nem preciso pedir autorização. Apenas informo ao pessoal da igreja, digo quando estarei de volta, delego responsabilidades e viajo com a família, para nutrir corpo, mente e espírito. A igreja pode sobreviver sem minha presença.

Interação

Depois de dois meses seguindo fielmente o roteiro estabelecido (o tempo das férias ainda não havia chegado), o supervisor regional de nossa igreja me convidou para almoçar. Eu não sabia naquela época, mas ele estava me observando e avaliando, tendo em vista a ocupação de um cargo em seu grupo semanal de apoio aos pastores. Alguns dias depois, recebi um convite para me unir ao grupo que era composto por um pároco episcopal, um sacerdote católico romano, um líder presbiteriano, dois pastores metodistas e um pregador batista.

Nossa congregação estava situada em uma comunidade extremamente pobre. Muitas grandes indústrias ti-

nam fechado as portas quase de um dia para o outro. Centenas de pessoas deixavam a cidade. Ansiedade e ira consumiam a população, incluindo membros das igrejas. Todas as congregações locais estavam sofrendo uma espécie de hemorragia de membros, dinheiro e moral. A existência de um grupo de pastores amigos, que compreendiam o ambiente, tornou possível vencer a tempestade sem que ninguém se afogasse. Minha responsabilidade no grupo era organizar a confraternização. Nós nos reuníamos às quartas-feiras pela manhã, dialogávamos, nos ajudávamos trocando ideias para enfrentar a situação, ríamos juntos e nos apoiávamos mutuamente. Depois, almoçávamos.

Desde aqueles dias, me acostumei a me juntar a grupos assim ou estabeleci-los em cada lugar em que eu esteja trabalhando. Eu simplesmente não posso sobreviver às lutas do pastorado sem que, entre outras coisas, esteja cercado de colegas, amigos leais que partilham as mesmas emoções e comoções.

Pensamento positivo

À medida que eu perseverava nessas práticas, senti-me como se estivesse pouco a pouco ressuscitando da morte. O ponto final da ressurreição da minha alegria vocacional começou com a experiência de escrever um diário durante três meses. Na verdade, isso não era novidade para mim; eu já fazia isso desde os dias do Ensino Médio. Porém, devido ao meu desanimador desempenho ministerial, enveredei por um caminho de queixas, lamentações e negativismo, mas finalmente resolvi mudar o foco.

Assim, fui a uma livraria e comprei um novo diário. Na primeira página, com letras maiúsculas, escrevi estas palavras do apóstolo Paulo: “Finalmente irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas” (Fp 4:8, NVI).

Embora eu continuasse a relatar minhas lutas vocacionais nesse diário, estabeleci uma nova regra: No fim de cada texto, eu devia incluir pelo menos uma coisa relacionada com o pastorado, pela qual estava agradecido no respectivo dia. Essa disciplina simples me ajudou a transformar minha vocação, de um dever desagradável para uma experiência de sincera gratidão. Aqueles três meses iniciais do diário acabaram se tornando uma prática de vida. Passados mais de vinte anos, continuo registrando as coisas positivas de minha vida pastoral, tanto no diário como nas minhas orações todos os dias. Embora eu apretie demasiadamente muitas coisas nessa vocação, três itens particularmente se destacam.

Primeiro, amo a liberdade dessa vocação. Os pastores são abençoados

com certa dose de autonomia. Por exemplo, poucas pessoas desfrutam o privilégio de flexibilizar seus compromissos como o pastor. Podemos levar filhos à escola, ir ao médico, estudar durante uma parte do dia, sem pedir permissão aos patrões. Podemos estabelecer nossos alvos, prioridades e sonhos. À medida que nos desincumbimos das nossas tarefas pastorais e cumprimos o programa do Campo, podemos nos especializar em alguma área de trabalho, como aconselhamento, pequenos grupos, evangelismo ou liturgia. Na verdade, algumas pessoas apenas sonham com tal liberdade e flexibilidade.

Segundo, amo os relacionamentos dessa vocação. O ministério pastoral, especialmente o pastorado longo, nos permite construir relacionamentos com membros e líderes que enriquecem profundamente nossa vida.

Sei que às vezes podemos encontrar dificuldade no relacionamento com alguns membros. Mas, a maioria deles é composta de pessoas que nos amam, respeitam e apoiam. Isso alegra o pastor. Poucas pessoas, além do pastor, podem construir relacionamentos como sendo o âmago de sua vocação.

Terceiro, amo a transcendência dessa vocação. Nós pastores temos o extraordinário privilégio de levar as pessoas para algo maior do que nós mesmos. Do púlpito, partilhamos a Palavra de Deus. Visitamos o hospital e, através de nossa presença junto aos leitos, lembramos às pessoas enfermas que Deus está com elas em meio aos temores, ansiedades, incertezas e dores. Junto à família enlutada, como que afirmamos: “Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois Tu estás comigo” (Sl 23:4, NVI). Quem poderia querer mais de qualquer outra vocação?

De acordo com o jornal New York Times (01/08/2010), “atualmente, clérigos sofrem obesidade, hipertensão e depressão, em níveis maiores que a maioria dos americanos. Na última década, aumentou o uso de antidepressivos entre eles, enquanto a expectativa de vida diminuiu. Muitos até mudariam de trabalho, se pudessem”.

- 45% dos pastores disseram que já experimentaram desânimo ou depressão, em tal intensidade que precisaram tirar licença do trabalho.
- 50% dizem se sentir incapazes para as demandas do pastorado.
- 52% afirmaram que as respectivas esposas acreditam que a permanência no ministério é perigosa para o bem-estar e a saúde familiar.
- 70% não têm amigos íntimos.
- 75% relataram ter experimentado severo estresse, causador de angústia, ansiedade, confusão, ira, depressão, temor e alienação.
- 90% Trabalham mais que 50 horas por semana.
- 94% dizem viver sob pressão para ter uma família perfeita.
- Por causa de desânimo, falha moral ou conflitos, 1.500 pastores têm deixado o ministério cada mês. – www.PastorBurnout.com

Nota do editor: Apesar das estatísticas pouco animadoras, podemos encontrar segurança contra os perigos que ameaçam nossa consciência e realização vocacionais na proximidade cada vez mais intensa de Cristo Jesus. Ele nos aconselha: “Lacem sobre Ele toda a sua ansiedade, porque Ele tem cuidado de vocês” (1Pe 5:7, NVI), e os escritos inspirados nos encorajam com as seguintes palavras: “Aqueles que, na vanguarda do conflito, são impelidos pelo Espírito Santo a fazer um trabalho especial, frequentemente sentirão uma reação quando a pressão for removida. O desânimo pode abalar a fé mais heroica, e enfraquecer a mais firme vontade. Mas Deus compreende, e ainda Se compadece e ama. Ele lê os motivos e os propósitos do coração. Esperar pacientemente, confiar quando tudo parece escuro, eis a lição que os líderes na obra de Deus necessitam aprender. O Céu não lhes faltará no dia da adversidade. Nada está aparentemente mais ao desamparo, mas na realidade mais invencível, do que a pessoa que sente sua nulidade, e confia inteiramente em Deus...”

“Companheiro cristão, Satanás conhece tuas fraquezas; apegate, pois, a Jesus. Permanecendo no amor de Deus, poderás resistir a cada prova... Providências que são agora misteriosas poderás compreender pela contínua confiança em Deus. Anda pela fé no caminho que Ele traçar. Sobrevirão provas; mas prossegue avante. Isso fortalecerá tua fé e te preparará para o serviço” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 174, 175).

“Bem amado”

O filme *The Prince of Tides* [O Príncipe das Marés] conta a história de um professor do Ensino Médio e técnico de futebol chamado Tom Wingo, que perdeu, vocacional e pessoalmente, a alegria, mas conseguiu recuperá-la. No início do filme, Tom aparece desempregado, cheio de desânimo e com problemas conjugais. Entretanto, depois de um longo e doloroso processo de cura, ele se reconciliou com a esposa e os filhos, voltou ao trabalho e encontrou renovado contentamento na vida.

Na última cena do filme, vemos Tom cortando a grama do campo do time da escola. Então, ele diz: “Sou professor, técnico do time, e um homem bem amado. Isso é mais que bastante.”

Assim como aconteceu a Tom, perdi minha alegria vocacional. Entretanto, colocando em prática princípios de cuidado pessoal, interação e focalizando as coisas positivas, eu a recuperei. Melhor de tudo, a alegria permanece mais forte e mais rica do que era antes. Portanto, também posso afirmar: “Sou pastor, escritor, e um homem bem amado. Isso é mais que bastante.”



Professor de História na Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA

Retrato de um pastor

Conselhos práticos do apóstolo Pedro, que levam à excelência no pastorado

Na Bíblia, encontramos vários exemplos de pessoas que dedicaram a vida ao ministério pastoral. Entre elas, destacamos Paulo e Timóteo, além do próprio Jesus, o Supremo Pastor, exemplo maior de doação da vida pelas ovelhas. Foi dEle que o apóstolo Pedro recebeu a ordenação ao ministério, enquanto caminhavam, conversando às margens do mar da Galileia: “Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros.

“Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu Me amas? Ele Lhe respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as Minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João tu Me amas? Pedro entristeceu-se por

Ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu Me amas? E respondeu-Lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minhas ovelhas” (Jo 21:15-17).

A história cristã revela que Pedro cumpriu seu chamado de maneira fiel, poderosa e consciente. Demonstrou que aprendeu e colocou em prática a lição que lhe foi transmitida pelo Mestre. Tanto que, ao escrever sua primeira carta, ele aconselhou os presbíteros da igreja, nos seguintes termos: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: pastoreai



o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5:1-4).

Nessas palavras simples e, ao mesmo tempo, cheias de profundo significado, o apóstolo deixou estabelecidos a identidade, os deveres e a recompensa do verdadeiro pastor. Embora sejam conhecidos, nunca é demais atentar para esse conselho apostólico e sobre ele refletir.

Identidade do pastor

No primeiro verso, Pedro se apresenta aos líderes para os quais destina sua carta. Nessa apresentação, podemos observar claramente às credenciais com as quais o pastor deve se identificar. O apóstolo usa a expressão “presbítero como eles” (v. 1), ou seja, reconhece que é humanamente igual a seus destinatários. Isso revela humildade, característica que deve ter destaque nas credenciais do pastor. Jamais o pastor deve se considerar superior a seus colegas nem aos membros das igrejas que lidera. Com preocupação e tristeza, certa vez, ouvi o lamento de um irmão que se dizia severamente repreendido pelo respectivo pastor, simplesmente pelo fato de ter a ele se dirigido como “irmão”. Ora, se o pastor não é também um “irmão”, o que é afinal?

Outra expressão utilizada por Pedro em sua apresentação é esta: “testemunha dos sofrimentos de Cristo” (v. 1). Ninguém melhor que ele poderia usar essa expressão. Pedro andou com Jesus, participou de momentos solenes da vida e do ministério do Mestre, testemunhou muitos momentos difíceis e sofrimentos experimentados pelo Salvador, enquanto esteve na Terra. Essa experiência vivida pelo apóstolo deve levar cada pastor a refletir sobre a imperiosa necessidade de ser

testemunha de Jesus. Sim, testemunha no sentido de ter algo para falar e proclamar a respeito dEle, pelo fato de conhecê-Lo de maneira íntima e profunda. O pastor vive com os olhos fixos em Jesus, durante todo o tempo, contemplando-O como “Autor e Consumador da fé” (Hb 12:2).

Não temos o privilégio de contemplá-Lo pessoalmente, como teve Pedro, mas podemos fazê-lo pela fé, através das páginas das Escrituras Sagradas e da meditação. O estudo da Bíblia deve ser prática frequente no dia a dia pastoral. O pastor jamais pode se contentar com o conhecimento superficial de Cristo, Sua Palavra e Sua verdade. Ellen G. White comentou: “Fato lamentável é que o progresso da causa seja prejudicado pela falta de obreiros instruídos. Muitos carecem de requisitos morais e intelectuais. Não exercitam a mente, não cavam em busca dos tesouros ocultos. Visto que apenas tocam a superfície, adquirem unicamente o conhecimento que à superfície se encontra” (*Obreiros Evangélicos*, p. 93). O testemunho do pastor será tanto mais poderoso, quanto mais profundamente ele conhecer seu Mestre.

Continuando sua apresentação, Pedro se autodenomina “coparticipante da glória que há de ser revelada” (1Pe 5:1). Nessas palavras, é possível perceber uma firme esperança no glorioso futuro prometido por Jesus. Além de participar da glória, o apóstolo também entende que é coparticipante dos sofrimentos de Cristo: “Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os Seus passos” (1Pe 2:21). E mais: “Alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de Sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4:13).

A vida pastoral não é um caminho isento de pedras e espinhos. Aflições, certamente, estarão presentes na jornada de todo líder. Porém, ao nos depararmos com elas, a lembrança

de que o Supremo Pastor também as experimentou servirá de precioso bálsamo para as feridas e dores por elas causadas. Nessa lembrança, o pastor deve encontrar motivação e ânimo para continuar a jornada.

“A mesa, a vestimenta, as palavras, a maneira de se relacionar, a conduta do pastor, tudo deve ser exemplo para o rebanho”

Deveres

Depois de apresentar as credenciais espirituais do pastor, Pedro compartilha alguns conselhos valiosíssimos. O primeiro deles está expresso nas seguintes palavras: “Pastoreai o rebanho de Deus” (1Pe 5:2). Conselho semelhante já havia sido dado aos anciãos de Éfeso, pelo apóstolo Paulo: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue” (At 20:28), bem como pelo próprio Jesus (Jo 21:16). Quando nos voltamos para a figura do pastor, cuidando das ovelhas no campo, entendemos o conselho. Pastorear significa alimentar e cuidar do rebanho.

O pastor alimenta a igreja quando, a partir do púlpito, lhe entrega uma mensagem essencialmente bíblica, retirada das Escrituras. Essa mensagem deve ser guiada pelo conselho de Paulo a Timóteo: “Prega a Palavra” (2Tm 4:2). Histórias engraçadas ou comoventes podem entreter, mas somente a Palavra de Deus contém nutritivo alimento espiritual.

Mas o cuidado pastoral é mais eficazmente exercido no âmbito individual. É no contato com a ovelha que são detectadas as feridas e debilidades desta. A visita pastoral de casa em casa é excelente oportunidade para que isso aconteça. Nenhuma atividade deve ocupar na agenda do pastor o lugar prioritário do cuidado para com o rebanho, pois

somos subpastores das ovelhas do Supremo Pastor (Jo 10:14; 21:15)

No seguinte conselho pastoral, Pedro afirma que esse trabalho não deve ser realizado “por constrangimento, mas espontaneamente” (1Pe 5:2). A alegria deve permear a vida pastoral. Realizar o trabalho que Cristo fazia deve ser motivo de intensa felicidade, satisfação e realização pessoal. Se o trabalho não for realizado espontaneamente, com alegria, não será aceito, pois o único serviço aceitável a Deus é o que é realizado com alegria (2Co 9:7).

A lista de recomendações continua, lembrando-nos de que não devemos trabalhar “por sórdida ganância” (1Pe 5:2). Dinheiro não deve estar entre os itens motivadores do pastorado. Deus proverá tudo o que for necessário para a sobrevivência dos Seus servos. O pastor deve se preocupar apenas em salvar pessoas para o reino de Deus. Todas as atividades que realizar devem convergir para esse objetivo.

Finalmente, Pedro arrematou seus conselhos com uma das mais importantes facetas do ministério pastoral que deve ser exercido “não por dominação, mas sendo [os pastores] modelos do rebanho” (v. 3). A liderança do pastor não deve ser desempenhada a partir do modelo autoritário, pois ele não é mandatário da igreja. O pastor é servo de Deus, designado para cuidar do rebanho. Sua autoridade é moral e espiritual, razão pela qual o apóstolo afirma que o pastor deve servir de exemplo. A mesa, a vestimenta, as palavras, as reações, o modelo de relacionamento, a conduta do pastor, tudo isso deve ser modelo a ser seguido pelo rebanho. São muitos os textos bíblicos que enfatizam o fato de que o líder é modelo para os liderados (Tt 1:7; 1Ts 1:7; 2Ts 3:9; 1Tm 4:12; Tt 2:7). Paulo entendia isso perfeitamente quando afirmou: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1).

A recompensa

Em meio a tão grandes responsabilidades, seguramente nosso amoroso

Pai não deixaria de pensar no prêmio para Seus servos. E isso não se refere simplesmente ao salário ou pagamento do qual é digno todo trabalhador (1Tm 5:18). Há uma recompensa infinitamente superior.

Diz o apóstolo: “Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5:4). A frase é afirmativa: “recebereis”; é a garantia do galardão a ser concedido por ocasião da vinda de Jesus. Há uma recompensa para os que forem fiéis e, nessa recompensa, os pastores estão incluídos (Mt 5:12; 2Co 4:17; 2Tm 4:8). Sim, o pastor

fiel receberá das mãos do Supremo Pastor a “coroa da glória”. Além disso, experimentará a indizível alegria de ver aqueles cujo cuidado Jesus a ele confiou também recebendo a coroa da vida eterna.

O pastor deve trabalhar no presente tendo o coração no futuro. No glorioso dia da vinda de Jesus, ele será recompensado por todos os desafios, angústias, tristezas, privação, suor e, muitas vezes, lágrimas e sangue derramados. Então, haverá um só Pastor sob cuja liderança viveremos para sempre, longe do alcance do mal. ❏

AS SETE MARCAS DO PASTOR

De acordo com Ellen G. White, aqui estão sete características que identificam o verdadeiro pastor:

União com Cristo: “Uma ligação vital com o Supremo Pastor, há de fazer do subpastor um representante vivo de Cristo, uma verdadeira luz para o mundo. É necessária a compreensão de todos os pontos de nossa fé, mas de importância ainda maior, é que o pastor seja santificado mediante a verdade que apresenta. O obreiro que conhece a significação da união com Cristo, tem um sempre crescente desejo e aptidão de apreender o sentido do serviço feito para Deus” (*Obreiros Evangélicos*, p. 142).

Humildade: “O ministro de Deus deve possuir, em alto grau, a humildade. Os que possuem mais profunda experiência nas coisas de Deus, são os que mais se afastam do orgulho e da presunção. Como têm elevada concepção da glória de Deus, sentem que lhes é demasiado honroso ocupar o mais humilde lugar em Seu serviço” (*Ibid.*).

Integridade: “Necessitam-se neste tempo homens de coragem provada e firme integridade, homens que não temam erguer a voz na defesa do direito” (*Ibid.*, p. 141).

Coerência: “Não importa quão zelosamente seja advogada a verdade, se a vida diária não testemunhar de seu poder santificador, as palavras faladas de nada aproveitarão. Uma conduta incoerente endurece o coração e estreita o espírito do obreiro, colocando também pedras de tropeço no caminho daqueles por quem ele trabalha” (*Ibid.*, p. 144).

Fervor: “Há necessidade de maior fervor. O tempo está passando rapidamente, e necessitam-se homens dispostos a trabalhar como Cristo fazia. Não é bastante viver uma vida sossegada, cheia de oração. O meditar somente não satisfará a necessidade do mundo. Religião não deve ser em nossa vida uma influência subjetiva. Temos que ser cristãos bem alertas, enérgicos e ardorosos, cheios do desejo de comunicar aos outros a verdade” (*Ibid.*, p. 143).

Simpatia: “Necessitamos mais da simpatia natural de Cristo; não somente simpatia pelos que se nos apresentam irrepreensíveis, mas pelos pobres sofredores, em luta, que são muitas vezes achados em falta, pecando e se arrependendo, sendo tentados e vencidos de desânimo” (*Ibid.*, p. 141).

Disciplina: “O pastor deve se achar livre de toda desnecessária perplexidade temporal, a fim de poder se entregar inteiramente à sua santa vocação. Cumpra-lhe orar muito, e sujeitar-se à disciplina de Deus, para que sua vida revele os frutos do verdadeiro domínio de si mesmo. Sua linguagem precisa ser correta; nada de frases de giria, nem de palavras vulgares devem sair dos seus lábios. Seu vestuário deve estar em harmonia com o caráter da obra que está fazendo. Esforcem-se os pastores e professores por atingir a norma estabelecida nas Escrituras” (*Ibid.*, p. 145).



Começando em **mim**

A experiência espiritual da igreja é, em grande parte, reflexo da experiência espiritual de seu líder

Faz alguns meses, enquanto preparava um sermão, minha atenção foi captada por um texto no qual não havia me aprofundado anteriormente. Este é o texto: “O reino de Deus não consiste em palavra, mas em poder” (1Co 4:20). Para um pregador profissional não

é difícil pronunciar palavras. Porém, esse texto nos desafia a ir além delas. É um convite para experimentar o poder do Espírito Santo, atuando em nós e através de nós.

Atualmente, a igreja adventista tem marchado sob o impacto da motivação para buscar uma experiência de reavivamento e reforma, no poder do Espírito Santo. Como líderes espirituais, compete-nos assumir a responsabilidade de guiar nossas congregações a essa experiência vital. Mas, para conseguir alcançar esse divino objetivo, devemos nos lembrar de que palavras não são suficientes. Unicamente a poderosa habilitação do Espírito Santo, transformando nosso coração e incendiando nosso espírito, nos capacitará para cumprir essa tarefa sagrada.

Como foi dito por Cristo a um renomado mestre de Seu tempo, “quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3:3). Provavelmente, à semelhança de Nicodemos, muitos de nós acreditam que nosso maior problema seja falta de conhecimento, quando o problema é mais profundo. Embora possamos adquirir todo o conhecimento, por mais útil que ele nos seja, jamais poderá preencher a profunda obra de regeneração interior.

O apóstolo Paulo estava bem consciente dessa realidade. Por isso, afirmou: “Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai... para que, segundo a riqueza da Sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé...” (Ef 3:14-17). Em outra ocasião, ele afirmou, referindo-se aos gálatas: “Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós” (Gl 4:19).

Desde o dia em que aquele texto de Paulo aos cristãos de Corinto captou meus pensamentos, uma solene mensagem se apoderou de minha mente. O reavivamento em minha igreja começa com o reavivamento em meu coração. Somente então, o

Espírito Santo poderá me usar como conduto de vida espiritual para outros. Como escreveu Ellen White, “unicamente a vida pode produzir vida”¹. Em todo o tempo, devemos ter em mente que a vivência espiritual da igreja é, em grande parte, um reflexo da vivência espiritual de seus líderes.²

O exemplo de Jesus

Com essa perspectiva em mente, é vital que cada líder conheça e compreenda o processo seguido pelo Espírito Santo na transformação do nosso coração. A maneira pela qual Jesus trabalhou com Seus discípulos e, especificamente, com Pedro, é uma ilustração maravilhosa do trabalho que Ele deseja realizar na vida dos pastores de hoje.

Em João 20:21, 22, lemos o seguinte: “Disse-lhes, pois, Jesus, outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio. E, havendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.” Esse é o clímax do episódio em que os discípulos, que estavam escondidos no cenáculo, se encontraram com o Cristo ressuscitado. Naquele momento, teve início uma surpreendente transição. Jesus restaurou suas ideias e emoções. Os que estavam cheios de temor, então, se encheram de alegria e foram comissionados e dotados de capacidade com o Espírito Santo para testemunhar de Jesus Cristo.

É interessante notar que Jesus soprou neles o Espírito Santo, o que inevitavelmente nos transporta ao primeiro sopro divino que converteu um inerte boneco de barro em um ser vivo (Gn 2:7). Jeová soprou o alento de vida em Adão, Seu representante no mundo recém-criado. Semelhantemente, Jesus soprou o Espírito Santo sobre aqueles que seriam Seus representantes neste mundo cativo do pecado.

Comentando esse relato, Ellen White assinala: “[Jesus] estava-lhes confiando um santíssimo legado, e desejava impressioná-los com o fato de que, sem o Espírito Santo, não se

podia realizar esta obra. O Espírito Santo é o sopro da vida espiritual no ser humano. A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo. Reveste o que O recebe com os atributos de Cristo. Unicamente os que são assim ensinados por Deus, os que possuem a operação interior do Espírito, e em cuja vida se manifesta a vida de Cristo, devem-se colocar como homens representativos, para servir em favor da igreja”³

Esse pensamento afirma claramente que a capacitação do Espírito Santo é indispensável para todos aqueles que desejam ministrar à igreja.

A operação do Espírito Santo

A esta altura, surge uma pergunta fundamental: De que maneira o Espírito Santo opera essa transformação interior? Martin Hanna sugere que Ele toma quatro iniciativas divinas que devem ser acompanhadas por quatro respostas ativas da parte de quem segue a liderança do Espírito (cf Rm 8:14).⁴

Iniciativas do Espírito Santo	Respostas do ser humano
Convicção	Confissão
Conversão	Arrependimento
Consagração	Obediência
Confirmação	Perseverança

Em seguida, analisaremos cada uma dessas iniciativas divinas e sua contrapartida humana, à luz da experiência do apóstolo Pedro, conforme registrada nos evangelhos e nos escritos de Ellen G. White. Veremos como o Espírito Santo interage com o ser humano, enquanto o transforma de dentro para fora. Observaremos que esse processo se constitui no sólido fundamento sobre o qual Deus edifica o ministério de Seus obreiros em favor da igreja e do mundo.

Convicção – confissão. Nos relatos de Lucas 22:31-34 e textos paralelos: Mateus 26:33; Lucas 22:61, 62, notamos os esforços empreendidos por Jesus para comunicar a Pedro os perigos que ameaçavam

esse discípulo como resultado de sua autossuficiência. Não obstante, junto com a advertência, Jesus afirmou: “Tu, pois, quando te converteres, fortalece teus irmãos” (Lc 22:32). Conversão implica uma mudança radical de direção, tanto no sentido físico (At 9:40; 16:18) como espiritual (Tg 5:20;). A vida do apóstolo experimentaria notável mudança de rumo.

Em João 16:8, Cristo assinalou que a obra prioritária do Espírito Santo é convencer “o mundo do pecado, da justiça e do juízo”. Então, a primeira tarefa do Espírito é me convencer de minha absoluta debilidade e pecaminosidade. Enquanto isso não acontecer, continuarei vivendo em constante perigo de maximizar minhas capacidades e conquistas, e minimizar meus defeitos e fraquezas. A advertência bíblica é: “enganoso é o coração, mais que todas as coisas” (Jr 17:9). A experiência da igreja de Laodiceia deixa claro que ninguém deve desprezar a capacidade de autoengano do coração humano (Ap 3:14-22).

O Espírito Santo constantemente nos lembra de que nenhuma posição humana (cargo ou função) muda nossa situação diante de Deus. Somente quando percebemos a grandeza do nosso pecado, podemos receber e experimentar a abundância da graça divina (Rm 5:20). Somente quando nos conscientizamos plenamente da nossa debilidade Deus pode atuar poderosamente através de nós (2Co 12:9, 10).

Lamentavelmente, Pedro não se conhecia. O Senhor teve que permitir um tropeço para livrá-lo de uma desgraça maior. “Quando Pedro disse que seguiria seu Senhor à prisão e à morte, estava sendo sincero em cada palavra proferida; mas não conhecia a si mesmo. Ocultos em seu coração havia elementos de mal que as circunstâncias fariam germinar. A menos que ele fosse levado à consciência de seu perigo, esses elementos se demonstrariam sua eterna ruína. O Salvador viu nele um amor-próprio e segurança que sobrepujariam mes-

mo o amor de Cristo. Em sua vida se revelara muito de enfermidade, pecado não mortificado, mente descuidada, gênio não santificado e temeridade para entrar em tentação. A solene advertência de Cristo era um chamado ao exame de coração. Pedro necessitava desconfiar de si mesmo, e ter maior fé em Cristo.”⁵

“É tempo de nos rendermos incondicionalmente à soberania do Espírito Santo”

À semelhança de Pedro, muitas vezes necessitamos passar por experiências de humilhação e fracasso que permitem aflorar defeitos de caráter profundamente arraigados em nosso interior, e que até então nos eram desconhecidos. Nessa experiência crítica, nossos olhos são direcionados para o Único que pode nos perdoar e restaurar. Então, a noite escura do coração se converte no preâmbulo de um novo amanhecer.

Depois de negar reiteradamente seu Mestre, Pedro teve a consciência de traidor despertada pelo olhar amoroso de Jesus. “Compreendia agora com amarga dor quão bem o Senhor o conhecia e quão profundamente lhe havia lido o coração, cuja falsidade nem ele mesmo conhecia.”⁶ Pedro se viu como realmente era; e o que viu o levou a um estado de desespero. Estava consciente do potencial de maldade que abrigava no próprio ser. “Incapaz de suportar por mais tempo a cena, precipitou-se, coração quebrantado, para fora da sala. E avançou, pela solidão e a treva, sem saber nem cuidar para onde ia. Encontrou-se, enfim, no Getsêmani... No próprio lugar em que Jesus derramara a alma em agonia perante o Pai, Pedro caiu sobre o rosto e desejou morrer.”⁷

Conversão – arrependimento. No Getsêmani, no mesmo lugar em que Cristo tinha sido provado, Pedro ex-

perimentou a verdadeira conversão. “Um homem convertido deixou o jardim. Estava pronto, então, para condecer-se dos que são tentados. Tinha sido humilhado e podia simpatizar-se com os fracos e com os que erram.”⁸

Maravilhosa é a maneira pela qual Deus nos guia nesse processo, muitas vezes doloroso, porém necessário. Jesus nunca perdeu Pedro de vista. O Consolador o susteve em todo momento. Depois da ressurreição, por meio de um anjo, Pedro recebeu esta mensagem pessoal: “Vão e digam aos discípulos de Ele e a Pedro: Ele está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês O verão, como Ele lhes disse” (Mc 16:7, NVI).

Finalmente, em João 21:15-19, Jesus dialoga com o Pedro convertido. Não mais há comparações, disputas nem críticas veladas. Agora, está pronto para ser pastor do rebanho de Cristo, porque um coração convertido é capaz de amar. Convertidos, somos equipados para tratar com os defeitos e pecados de outros, assim como Deus trata os nossos.

“Era evidente a transformação de Pedro. As incisivas, penetrantes perguntas do Senhor não provocaram réplica ousada, presunçosa; e, em virtude de sua humilhação e arrependimento, Pedro estava mais bem preparado do que nunca para agir como pastor junto ao rebanho.

“A primeira obra que Cristo havia confiado a Pedro, quando o restaurou ao ministério, foi apascentar os cordeiros... Para isso o havia preparado sua própria experiência de sofrimento e arrependimento.

“Antes de sua queda, Pedro estava sempre falando desavisadamente, levado pelo impulso do momento. Sempre pronto a corrigir os outros, exprimia os próprios pensamentos, antes de ter ideia clara a respeito de si mesmo ou do que ia dizer. O Pedro convertido, porém, era bem diverso. Conservava o antigo fervor, mas a graça de Cristo lhe regulava o zelo. Não mais era impetuoso, confiante em si mesmo, presumido, mas calmo, dominado e dócil. Podia então

alimentar tanto os cordeiros como as ovelhas do rebanho de Cristo... Lembrando sua própria fraqueza e fracasso, Pedro devia tratar com o rebanho tão ternamente como o fizera Cristo com ele... Conhecimento, liberalidade, eloquência, gratidão e zelo são todos auxiliares na boa obra; mas sem o amor de Jesus no coração, a obra do ministro cristão é um fracasso.”⁹

A conversão de Pedro ilustra notavelmente a obra transformadora que o Espírito Santo deseja realizar em todo pastor do rebanho de Cristo. Tal experiência muda o sentido da vida. Em vez de buscar meu engrandecimento e exaltação, passo a engrandecer e glorificar a Deus. Opera-se uma completa mudança em minhas atitudes para com Deus, meu semelhante e para comigo mesmo. O amor divino inunda meu ser e flui em direção a outras pessoas.

A experiência de arrependimento é dolorosa, mas, ao mesmo tempo, é curadora e libertadora. Significa morte do “ego”, preocupado com aparência e a aprovação humana, para dar lugar a uma nova criatura. Essa experiência me leva a um encontro com as partes mais obscuras do meu ser, deixando-me alcançar pela graça e pelo amor de Deus, que me libertam para amar e ser autêntico em Cristo Jesus. Anteriormente, Deus era um chefe exigente e inflexível para mim; agora, é o amado Senhor de minha vida. Anteriormente, via meus colegas como competidores; agora, somos cooperadores em Cristo Jesus.

Consagração – obediência. Um coração convertido se deleita em obedecer a Deus. Diante das ameaças dos sacerdotes, Pedro expressou com clareza: “Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29).

A obediência é o coração do discípulo, a pedra de toque da experiência cristã. Em Mateus 7:21-29, reiteradas vezes, Jesus mencionou que não é suficiente ouvir, ou falar. O que realmente importa é fazer, ou seja, obedecer. Realizar boas obras não é a mesma coisa que obedecer. A pergunta-chave que deve preceder

qualquer decisão ou ação do servo de Deus é a seguinte: É esta realmente a vontade de Deus, ou simplesmente uma iniciativa minha? Pois, como disse Watchman Nee, “não estamos aqui para procurar trabalho para fazer, mas para que Deus nos envie a trabalhar”.¹⁰

Ao longo de seu ministério, Pedro compreendeu que seguir Jesus significa crescer em obediência incondicional. “Para Pedro, as palavras ‘Segue-Me’, foram cheias de ensino. Não somente para sua morte, mas para cada passo de sua vida, era dada essa lição. Até então, Pedro tinha sido inclinado a agir independentemente. Tinha procurado fazer projetos para a obra de Deus, em lugar de esperar para seguir o plano divino. Nada poderia ele lucrar, no entanto, por se antecipar ao Senhor. Jesus lhe havia ordenado: ‘Segue-Me.’ Não corras adiante de Mim. Então não terás que enfrentar sozinho as hostes de Satanás. Deixa-Me ir na tua frente, e não serás vencido pelo inimigo.”¹¹

Confirmação – perseverança.

Jesus disse que Pedro teria o privilégio de servir até o dia de sua morte (Jo 21:18, 19). Certamente, essa promessa o acompanhou ao longo do ministério que exerceu, conforme ele mesmo testemunhou: “Portanto, irmãos, empenhem-se ainda mais para consolidar o chamado e a eleição de vocês, pois se agirem dessa forma; jamais tropeçarão, e assim vocês estarão ricamente providos quando entrarem no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 1:10, 11, NVI).

A liderança espiritual sempre foi complexa e desafiadora. Mas Deus continua procurando homens dispostos a representá-Lo nos últimos dias da história deste mundo. Nunca foi fácil ser pastor, muito menos o é atualmente. Porém, não necessitamos temer. A promessa continua vigente: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas... até aos confins da Terra” (At 1:8).

É tempo de o anjo de Apocalipse 18:1 iluminar a Terra com toda a

glória de Deus. A propósito disso, em diversas partes do mundo, Deus está operando maravilhas por meio de Seu povo. Em Malauí, Golden Lanpani, um leigo adventista, tem sido usado pelo Espírito Santo para plantar 43 novas igrejas e levar ao batismo aproximadamente onze mil pessoas, durante seus quase vinte anos de trabalho missionário. Ele tem enfrentado perseguições e atentados contra a vida, mas tem sido preservado milagrosamente pelo Senhor.¹² A promessa do Espírito Santo é segura e firme. Não está longe o dia em que Ele será derramado em forma de chuva serôdia, capacitando o povo de Deus para o clímax da proclamação do evangelho em todo o mundo. Então, testemunhos como o de Lanpani serão multiplicados (Jl 2:28-30). Não devemos esmorecer muito menos pensar em retroceder.

Cada líder espiritual tem a oportunidade de participar deste movimento divino. É tempo de nos rendermos incondicionalmente à soberania do Espírito Santo, que trará a presença de Cristo em nossa vida. À semelhança de Pedro, como fruto da renovação espiritual pessoal, poderemos guiar nossas igrejas a uma experiência de reavivamento e reforma. Deus espera e o tempo exige que sejamos líderes profundamente espirituais. ▀

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Educação*, p. 84.
- ² Skip Bell, *A Time to Serve: Church Leadership for the 21st Century* (Lincoln, NE: AdventSource, 2003), p. 11.
- ³ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 805.
- ⁴ Martin Hanna, *The Journal of Applied Christian Leadership*, verão de 2006, p. 21-31.
- ⁵ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 673.
- ⁶ *Ibid.*, p. 713.
- ⁷ *Ibid.*
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 3, p. 416.
- ⁹ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 812, 815.
- ¹⁰ Watchman Nee, *Autoridad Espiritual* (Miami: Vida, 1978), p. 17.
- ¹¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 816.
- ¹² Charlotte Ishkanian, *Adventist World*, dezembro de 2010, p. 24, 25.

CHAMADO PASTORAL

O poder de um toque

“Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras” (Jr 1:9)

Qual é a história que você conta, quando interrogado sobre os motivos pelos quais ingressou no ministério pastoral? Talvez, relate agradecido que, por ocasião do seu nascimento, seus pais o dedicaram a Deus e assumiram com Ele o compromisso de educá-lo para ser pastor. Então, teve a infância direcionada a esse propósito, com professoras dos departamentos infantis da igreja descobrindo e burlando seus talentos, e você mesmo se projetando na imagem dos pastores que ia conhecendo.

Quem sabe, foi nos dias em que estudou no internato que você teve despertado o ideal pastoral, impressionado que ficou ao observar a conduta de um piedoso professor, ou depois de sentir aquele toque

especial durante uma inspiradora semana de oração. Acaso, teria sido o final feliz de uma crise existencial, durante a juventude ou adolescência, que abriu diante de você o caminho em direção ao pastorado? Pastores de sua família o inspiraram? Houve em sua vida algum acontecimento comparável à manifestação de “um grande e forte vento”, “terremoto”, “fogo”, ou apenas “um cio tranquilo e suave” (1Rs 19:11, 12)?

É certo que cada um de nós tem uma história relacionada à decisão de ser pastor; mas, tão certo como essa história existe, Deus tem que ter estado por trás dela. Se isso não tiver acontecido, não houve chamado divino; simplesmente porque a iniciativa do chamado é de Deus. “Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo”

(Hb 5:4). Judas é um triste exemplo de alguém que tentou usurpá-la. “Enquanto Jesus estava preparando os discípulos para sua ordenação, um que não fora chamado se esforçou para ser contado entre eles. Foi Judas Iscariotes, que professava ser seguidor de Cristo. Adiantou-se então, solicitando um lugar nesse círculo mais íntimo de discípulos”.¹ A história mostra que a grande motivação desse discípulo foi o interesse pelo ganho financeiro e político, o que o levou a um trágico fim.

Possivelmente, sem a clara e inamovível convicção nutrida por aqueles que são chamados por Deus, depois de ter sido colaborador do apóstolo Paulo, “Demas, firme por algum tempo, abandonou mais tarde a causa de Cristo... Por ganho

mundano trocou Demas toda alta e nobre consideração”.² Dividido entre a causa e o interesse pessoal, finalmente, “desanimado pelas densas nuvens de dificuldades e perigos, abandonou o perseguido apóstolo”.³

Escolha e promessas

Porém, ao contrário desses, destaca-se Jeremias como um dos muitos notáveis exemplos de homens que, embora reconhecendo a própria incapacidade diante da tarefa que lhes foi proposta, deixaram-se tocar pelo Senhor, aceitaram o chamado e se entregaram ao cumprimento dos propósitos divinos. Nascido em Anatote, no lar do sacerdote Hilquias, ainda jovem, com aproximadamente vinte anos recebeu o chamado para o ministério profético, no 13º ano do reinado de Josias.

A condição prevalecente entre o povo de Deus era desafiadora: “Por quarenta anos, Jeremias devia estar diante da nação como testemunha da verdade e da justiça. Num tempo de apostasia sem paralelo, ele devia exemplificar na vida e no caráter a adoração do verdadeiro Deus. Durante o terrível cerco de Jerusalém, ele seria o porta-voz de Jeová. Prediria a queda da casa de Davi, e a destruição do belo templo construído por Salomão. E quando aprisionado por causa de suas destemidas afirmações, devia ainda falar contra o pecado nos altos. Desprezado, odiado, rejeitado dos homens, ele havia de finalmente testemunhar o cumprimento literal de suas próprias profecias de iminente condenação, e partilhar da tristeza e dor que se seguiriam à destruição da cidade condenada.”⁴

Contudo, o profeta sustentou a reforma com entusiasmo, até que percebeu que isso não estava mudando o coração do povo. As desencorajadoras circunstâncias sob as quais trabalhou e a extraordinária extensão em que a idolatria havia tomado o lugar da religião revelada em Judá foram refletidas na angústia que às vezes o acometeu, embora não o tornassem pessimista. Ele podia “olhar

para além das desoladoras cenas do presente às gloriosas perspectivas do futuro, quando o povo de Deus seria resgatado da terra do inimigo, e novamente plantado em Sião”.⁵

Tendo sido educado na infância para o sacerdócio, Jeremias não se imaginava integrante do ministério profético, muito menos em circunstâncias tão difíceis. Mas a Palavra do Senhor lhe chegou muito clara: “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Jr 1:5). Então, apoderou-se dele o senso de indignidade: “Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (v. 6).

*“Quando Deus chama,
não há lugar para
sentimentos nem
pensamentos em torno
do próprio eu”*

Porém, Deus Se recusou a aceitar a desculpa do profeta e respondeu com uma declaração expressiva de Sua vontade: “Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem Eu te enviar irás; e tudo quanto Eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor” (v. 7, 8). Quando Deus ordena ou chama, não há lugar para sentimentos nem pensamentos em torno do próprio “eu”. Embora, em nosso direito soberano de escolha possamos recusar, somente uma opção nos tornará felizes e completos: Atender e obedecer. Jeremias atendeu à ordem de “ir a toda parte e se dirigir a qualquer pessoa a quem Deus o enviasse, quer fossem reis idólatras, sacerdotes corruptos, profetas mentirosos, juízes injustos e homens de toda hierarquia, independentemente de quão proeminentes ou poderosos fossem eles.”⁶

E Deus lhe prometeu Sua bendita companhia (v. 8), o que fez com que o profeta superasse o temor e a timi-

dez, colocando-o acima dos inimigos poderosos e suas ameaças.

Na culminância desse encontro, relata Jeremias: “O Senhor estendeu a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras. Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares” (v. 9, 10).

Essa foi como que uma cerimônia solene de consagração de Jeremias. Recebendo nos lábios o toque divino, à semelhança de Isaías (Is 6:6, 7), o profeta assegurou-se de que não havia incerteza na mensagem a ser transmitida. Assim, ele estava pronto a anunciar as palavras que o Espírito de Deus colocasse em seu coração. Deus não apenas deu Suas palavras a Jeremias, como também prometeu velar por elas até que fossem cumpridas.

Investido de autoridade divina, Jeremias agiu como representante do próprio Deus, realizando uma obra ampla com vistas à restauração do povo. Estava autorizado a arrancar e derribar, destruir, arruinar, edificar e plantar. Essas são metáforas extraídas da arquitetura e da agricultura, simbolizando o aspecto destruidor dos castigos bem como a disposição de Deus para restaurar e curar. Nas palavras de Wiersbe, “em seu ministério, Jeremias teve que ser destruidor e construtor (Jr 1:9, 10), coluna e muro (Jr 1:17,18), atalaia (Jr 6:17) depurador de metais ou ‘acrisolador’ (Jr 6:27-30), médico (Jr 8:11, 21, 22), fundista (Jr 12:5), pastor (Jr 13:17, 20, 21; 17:16, 23)”.⁷

Jeremias e nós

Faremos a nós mesmos um imenso bem, se relembrares repetidamente as lições do trato de Deus com Jeremias. Estou seguro de que elas infundirão em nós ânimo renovado sempre que o inimigo ameaçar nos assaltar com dúvidas relacionadas à legitimidade de nossa vocação, ou com oposição e tentações.

A primeira lição a ser lembrada é de que Deus tomou a iniciativa do

nosso chamado. “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci; e antes que saíesses da madre, te consagrei”, disse o Senhor ao profeta. Aos discípulos, Cristo reafirmou essa verdade, extensiva a todos os pastores: “Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça, a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome” (Jo 15:16, NVI).

É absolutamente necessário compreendermos isto: Deus nos chamou. Isso significa que não pertencemos a homens nem a instituições da Terra. Somos de Deus; a Ele cabe nos castigar ou recompensar. O relacionamento decorrente de nossa resposta ao Seu chamado é maravilhosamente descrito nestas palavras de Mário Veloso: “Cristo é nossa promessa, nossa realidade e nossa vida. Com Ele, nada nos falta, embora pareça que tudo nos falte. Com Ele, somos vitoriosos, embora a vitória pareça distante. Com Ele, somos filhos de Deus e vivemos seguros, embora a insegurança nos assalte a cada passo.

“Se angustiados, nEle confiamos. Se afligidos, caminhamos com Ele. Se perseguidos, para Ele fugimos. Se caluniados, confiamos nEle. Por Cristo vivemos e por Ele morremos. Nada nos intimida. Nada nos espanta. Nada nos detém. Somos livres em Cristo e de Cristo escravos somos. Somos Suas testemunhas, Seus colaboradores, Seus servos, Seus embaixadores. Sua propriedade somos. Sua justiça é nossa justiça. Suas obras, nossas obras. Ele é a nossa consciência e a força de nossas ações. Ele é nossa alegria e o gozo de nossa vida. Nossa vida é Ele, e Ele é tudo o que somos. Nada queremos que não seja dEle, nada que nos separe dEle. Nele vivemos e nos movemos e somos. Ele é tudo para nós, em tudo.”⁶

Em segundo lugar, podemos julgar-nos incapacitados para a missão a ser cumprida, mas o Senhor Se encarrega de nos habilitar. Se a iniciativa é dEle, cabe-Lhe também a responsabilidade por todo o empreendimento. Sendo que Ele vê o fim desde o princípio e conhece

nossas limitações e possibilidades, podemos concluir que Ele sabe como nos tornar úteis em Sua seara. Não precisamos temer coisa alguma, nem recuar diante dos obstáculos. Jeremias recebeu a incumbência e também a garantia da presença do Senhor (Jr 1:7, 8, 17-19).

A certeza da companhia divina, reiterada na promessa feita por Jesus Cristo: “Estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28:20), tem sido motivo de ânimo e força para todos os que têm aceitado o chamado para a pregação do evangelho.

Em terceiro lugar, há o toque poderoso e conferidor de santificada autoridade pastoral: “Estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras” (Jr 1:9). O poder transformador e a autoridade das mensagens que Jeremias devia transmitir não residiam na sua capacidade argumentativa, retórica nem erudição. A palavra seria poderosa, autorizada e transformadora porque era a Palavra de Deus. Semelhantemente, hoje, a Palavra de Deus é a mensagem a ser proclamada para arrancar, derribar, destruir e arruinar o mal, a idolatria e a descrença, edificar caracteres dignos do Reino celestial e plantar esperança. Isso com os sentimentos de amor, graça e misericórdia abundantes nEle. Sua Palavra é nossa palavra. Seus sentimentos são nossos sentimentos; nossos motivos são os motivos dEle.

Descrevendo a missão do pregador credenciado pelo toque poderoso de Deus, Anderson afirmou: “Como porta-voz de Deus, ele não é um presagiador de condenação e sim um arauto de felicidade. Traz a alegria do Senhor aos abatidos e desencorajados. Eleva os homens da lama do pecado à presença de Deus. Nenhum poder na Terra pode ser igualado ao pregador inspirado pelo Espírito. Na vida e no ministério daquele cujos lábios foram tocados com o fogo divino haverá sempre milagres da graça. Isso é verdadeiramente um ministério

profético. Através dele, o pregador desperta o interesse e conduz homens à comunhão com Deus.”⁹

Finalmente, “as experiências pelas quais Jeremias passou nos dias de sua juventude e também nos posteriores anos de seu ministério, ensinaram-lhe a lição de que ‘não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos’. Ele aprendeu a orar: ‘Castiga-me, ó Senhor, mas com medida, não na Tua ira, para que me não reduzas a nada.’

“Quando chamado a beber o cálice da tribulação e tristeza, e quando em sua miséria era tentado a dizer: ‘Já pereceu a minha força, como também a minha esperança no Senhor’, recordava as providências de Deus em seu favor, e triunfantemente exclamava: ‘As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as Suas misericórdias não têm fim; novas são cada manhã; grande é a Tua fidelidade. A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto esperarei nEle. Bom é ter esperança, e aguardar em paz a salvação do Senhor’.”¹⁰

É nessa dependência que devemos viver e trabalhar. O Deus que nos chamou nos conhece perfeitamente; sabe quem somos, o que somos e como somos, está desejoso e pronto para nos moldar segundo Seu plano. Ele estará conosco em todos os momentos e situações vividas. Impulsionados pelo toque purificador e habilitador de Sua mão, temos um sagrado ministério a desempenhar. Vamos fazê-lo fielmente, antevendo a vitória final. ▀

Referências:

¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 293.

² _____, *Atos dos Apóstolos*, p. 455.

³ *Ibid.*, p. 490.

⁴ Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 408.

⁵ *Ibid.*, p. 409.

⁶ *Comentário Adventista del Séptimo Dia*, v. 4, p. 390.

⁷ Warren Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo* (Santo André, SP: Editora Geográfica, 2006), v. 4, p. 90, 91.

⁸ Mário Veloso, *Mateus – Comentário Homilético* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 27.

⁹ Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 284.

¹⁰ *Ibid.*, p. 420, 421.



Secretário ministerial
da União Centro-Oeste
Brasileira

Na mira do adversário



Vivendo sempre em evidência, o pastor necessita estar vigilante contra os perigos inerentes a essa condição

Denominava-se “cara” a pequena cesta colocada no alto dos mastros das antigas caravelas portuguesas do século 15. De dentro daquela cesta, os marinheiros observavam o horizonte em busca de sinais de terra ou de algum navio amigo ou inimigo. Cabia ao capitão do navio indicar quem seria o “cara”, ou seja, quem subiria o mastro e se posicionaria dentro da cesta, exposto ao frio ou calor, chuva ou sol causticante, balançando durante muitas horas, em uma altura que variava entre vinte e trinta metros.

A escolha obedecia sempre ao mesmo critério: o ocupante da função devia ser um marujo valente, com boa visão, muita destreza e coragem. Estando no alto do mastro, ficava em evidência;

mas essa era uma posição perigosa. Na hipótese de encontrar o navio inimigo, o “cara” era sempre o primeiro alvo e, na hipótese de um confronto em alto mar, a primeira ordem nos inimigos era esta: “Acerquem o cara!”

Na popularização da linguagem que hoje caracteriza certos segmentos da sociedade, a expressão “o cara” é utilizada comumente para identificar pessoas que se encontram em evidência, tenham conseguido realizar algo expressivo, ou ocupam alguma função destacada.

À semelhança do que acontecia com os marinheiros escolhidos para a função do “cara”, estar em evidência exigia cuidados especiais e muita vigilância. No dia a dia, a evidência pode ser boa para o ego, mas também envolve muitos riscos, especialmente para a vida espiritual e pastoral. Muitas atividades profissionais e

vocacionais colocam seus ocupantes em evidência, mas, nesse sentido, pouquíssimas podem ser comparadas ao ministério pastoral. Como líderes espirituais, estamos empenhados no resgate de pessoas das garras de Satanás, transportando-as para a liberdade do Reino de Deus. Isso nos expõe constantemente a sérios perigos. Em todos os momentos, o inimigo trabalha para nos “acertar”, ou atua ordenando seus agentes: “Acerquem o cara!”

Perigo à vista

O apóstolo Pedro demonstrou que estava consciente dos perigos que rondam o ministério pastoral, quando nos exortou a manter sobriedade e vigilância. Escreveu ele: “Estejam alertas e vigiem. O diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pe 5:8, NVI). Nesse texto, a palavra “sóbrios” é tradução do termo grego *nephôs*, cujo significado é: “manter a mente limpa, ser sábio,

abster-se de vinho”. Por sua vez, a palavra “vigilante” traduz a expressão grega *gregorêo*, que significa: “ficar acordado todo o tempo”.

De acordo com Friez Rieneker, professor de grego, o tempo verbal empregado pelo apóstolo é o aoristo; portanto, as duas palavras significam “estejam alertas” ou “sejam vigilantes” durante o tempo todo (José Gonçalves, *Por Que Caem os Valentes?*, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006).

O pastor Mike Taliaferro, que foi missionário na África do Sul, afirmou que, certa ocasião, viu um leão caçando. Segundo ele, Pedro comparou com muita precisão as táticas do inimigo com a de um leão no processo de caça. Aqui está a descrição que ele fez da experiência que observou: “Os leões vivem em seu próprio território e não costumam perseguir as manadas migratórias. Ao contrário, caça numa área específica. Quando um rebanho se aproxima de seu território, espreitam de longe. Os leões conhecem a direção do vento e sabem se colocar numa posição contrária, para que a presa não perceba sua presença. Muitas vezes, entretanto, não se importam se a manada os percebe, tal a confiança que têm em si mesmos.

“Os leões costumam perseguir uma manada sem pressa, sem correria, gerando medo nos animais. Ele deseja vê-los em disparada, assombrados. Aos olhos humanos, o recuo da manada é algo normal, mas não para o leão. Ele vê ali o seu almoço. Observa os animais velhos, cansados e feridos da manada. Aquele que está levemente manco, algo imperceptível ao olho humano, é prontamente notado pelo leão. Ele assusta a manada, a fim de destacar o fraco. Depois de escolher a presa, ele deixa todos os outros de lado, para saltar sobre o que foi escolhido” (*A Batalha: Como Derrotar o Inimigo de Nossa Alma*, *ibid.*, 1999).

Nas palavras de Pedro, forças espirituais do mal estão ininterruptamente empenhadas na tentativa de destruir os que seguem a Cristo. Por isso, há necessidade de extrema

vigilância em oração. Para ser vencedor nos conflitos espirituais, o pastor deve levar a sério a vida de oração. A falta de conscientização sobre a importância da oração é fatal para o pastor. Jamais ele deve sucumbir às pressões para atender as necessidades de todas as pessoas, em detrimento dos momentos diários de comunhão pessoal.

Outro fator de risco para o ministério é o relativismo moral dos nossos dias. As linhas divisórias entre o santo e o profano estão muito próximas, e quase já não se sabe o que é certo e o que é errado. O pós-modernismo criou uma moralidade horizontal. Segundo essa filosofia, o instinto biológico deve ser o agente regulador do comportamento humano. Cabe ao ser humano estabelecer seus próprios valores. O servo de Deus não pode concordar com essa ideia, muito menos permitir que ela crie raízes na igreja. A moral cristã é fundamentada na divindade. Por isso é elevada e transcende o próprio ser humano.

Lembranças de um passado que necessita e deve ser esquecido também podem representar perigos para a vida do pastor. Todos nós conhecemos a experiência de Jefté, por causa do voto precipitado e louco que ele fez e que envolveu a filha dele (Jz 11:29-40). Por que esse voto foi feito? A resposta é simples: por causa de seu passado cananeu. O “passado cananeu” é o calcanhar de Aquiles também para muitos pastores. Inegavelmente, Satanás também usa as lembranças do passado obscuro, tentando prejudicar nosso presente. Porém, isso não devia representar grande problema, pois, de acordo com Paulo, “se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co 5:17). Necessitamos manter nosso “passado cananeu” preso à cruz de Cristo, para que não seja transformado em arma nas mãos do adversário.

Estratégia vitoriosa

Em 2001, o mundo esperava que a guerra entre os Estados Unidos e o regime Talibã durasse vários meses

ou anos. Os talibãs juravam que eram especialistas em guerrear nas montanhas e possuíam milhares de cavernas como esconderijo. Até mesmo a imprensa começou a acreditar nessa hipótese e passou a afirmar que os norte-americanos teriam muita dificuldade no conflito. Mas não foi isso o que aconteceu. Os Estados Unidos venceram a guerra em pouco tempo.

De acordo com José Gonçalves (*Op. Cit.*), porta-aviões disparavam mísseis teleguiados de longo alcance, capazes de acertar o alvo, com precisão cirúrgica, a 2.500 km de distância. Por meio de satélites, mapearam o território afegão e descobriram todos os esconderijos. Submarinos apoiaram as tropas terrestres, helicópteros, caças e aviões, capazes de transportar até 30 toneladas de explosivos, além de aviões bombardeiros com oito canhões cada um capaz de disparar 2.500 tiros por minuto. Também foram destaque os aviões B-2, a bomba termobárica, destruidora de cavernas, e a poderosa GBU-82, pesando sete toneladas e capaz de arasar tudo em um raio de 600 metros.

Por que os americanos venceram a guerra? Resumindo, por causa do apoio aéreo. A vida pastoral também precisa de apoio aéreo. Sem o auxílio do Céu, jamais venceremos. Por isso devemos buscá-lo sem cessar, andando em sintonia ininterrupta com Deus. Nesse relacionamento, cresceremos espiritualmente e venceremos um ataque após outro. Todo pastor precisa desenvolver uma experiência pessoal com Deus, na busca do Espírito Santo (Rm 8:26). É inútil qualquer tentativa de crescimento em santificação, sem a atuação do Espírito. É a presença do Consolador que produz frutos preciosos espirituais em nossa vida. A ausência dele resulta em frutos carnis que desqualificam o pastor (Gl 5:19-26).

É tempo de deixarmos de olhar para nós mesmos, como sendo “os caras”, e correremos para o abrigo da comunhão com Deus, para sermos fortalecidos e vencedores na luta contra os poderes das trevas. ▀



Capelão do Hospital Adventista Silvestre, Rio de Janeiro, RJ

Excelência espiritual

O exemplo de Daniel nos motiva e ajuda em nossa busca de reavivamento e reforma

Embora seja sempre necessário, o chamado ao reavivamento não é novo. Ellen G. White o apresentou nas seguintes palavras: “Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação. Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos de preparo para recebê-la.”¹

Como líderes do povo de Deus, esse convite deve encontrar resposta primeiramente em nós, para que o processo alcance a igreja, capacitando-a para concluir sua missão. A vida de Daniel nos oferece lições cuja prática pode nos ajudar a ser líderes reavivados, guiados pelo Espírito de Deus.

No fim do sétimo século a. C., o mundo estava agitado. O poderoso império assírio havia entrado em de-

clínio² e Babilônia despontava como novo poder dominante no cenário político daquela região. Essa agitação afetava diretamente o povo de Deus, visto que Israel estava situado na encruzilhada das nações, no caminho de Babilônia para o Egito e vice-versa. Daniel, um jovem entre 15 e 18 anos,³ foi tirado de sua terra e de seu povo, da proximidade da casa de Deus em Jerusalém, e levado cativo para um lugar estranho. Esse foi um momento de crise na vida daquele filho de Deus. Mas foi em meio à crise que sua conduta começou a revelá-lo como alguém profundamente espiritual.

Um homem diferente

A primeira referência à espiritualidade de Daniel é encontrada no capítulo 4 de seu livro. Diante do fracasso dos conselheiros em interpretar o sonho que teve Nabucodonosor com uma grande árvore, o profeta

foi chamado para resolver o impasse. Nesse episódio, o rei a ele se referiu como alguém que possuía “o espírito dos deuses santos” (Dn 4:8, 9, 18). A palavra aramaica aqui traduzida como “deuses” é *'elahin*, que se refere a deuses falsos, mas também pode ser aplicada ao Deus verdadeiro. Talvez por isso, a versão de Teodócio traduziu o texto enfatizando que Daniel tinha “em si o Santo Espírito de Deus”.⁴ Noutras palavras, “a qualificação de Daniel para interpretar sonhos era que Deus habitava nele, e esse é o pré-requisito para o discernimento espiritual hoje”.⁵

Posteriormente, a incompetência dos sábios de Babilônia para decifrar uma inscrição misteriosa na parede deixou o rei Belsazar aterrorizado (Dn 5). Então, a rainha-mãe o aconselhou a chamar Daniel para dar a explicação, visto que nele havia “o espírito dos deuses santos” (Dn 5:11). Observe a semelhança

com a expressão anteriormente usada por Nabucodonosor. Assim, Daniel era reconhecido por suas habilidades oriundas do próprio Deus. Entre os episódios dos capítulos 4 e 5, haviam se passado aproximadamente trinta anos. Mas Daniel ainda era conhecido como homem em quem havia o Espírito de Deus.

“Se queremos ser reconhecidos como homens do Espírito, temos que seguir o exemplo de Daniel”

Finalmente, no capítulo 6, o rei Dario reconheceu que em Daniel “havia um espírito excelente” (Dn 6:3). Por isso, o rei decidiu promovê-lo ao maior nível hierárquico possível no reino. As qualidades espirituais daquele servo de Deus foram consideradas essenciais para a nova administração. Em geral, quando as empresas desejam em seus quadros um executivo à altura de grandes responsabilidades, avaliam nos candidatos aspectos como proatividade, qualificações acadêmicas ou gerenciais, especializações, competência atestada pela realização ou implementação de projetos, entre outros. Raramente o aspecto espiritual é levado em consideração.

Entretanto, um indivíduo comprometido com Deus, guiado pelo Espírito, pode ser a pessoa certa para enfrentar os desafios. Se nos dias de Dario, tal pessoa era necessária, muito mais em nossos dias. Hoje, o desafio é derrubar as fortalezas da incredulidade, do ateísmo, do agnosticismo, do materialismo, do secularismo, do desinteresse pelo evangelho e reorganizar vidas afetadas por esses conceitos, introduzindo nelas princípios celestiais que lhes darão novo sentido. Para esse desafio, são necessários homens e mulheres que tenham em si o Espírito Santo de Deus.

É nossa convicção que a experiência de Daniel pode nos apontar

alguns passos práticos nessa jornada em busca de mais espiritualidade, reavivamento e reforma.

Firmemente decidido

O texto bíblico diz que Daniel “resolveu firmemente não se contaminar” (Dn 1:8). Dessa expressão podemos salientar que, primeiramente, Daniel tomou uma decisão que deu evidências de suas profundas convicções. Na versão Almeida Revista e Atualizada, a força da expressão original foi traduzida como “resolveu firmemente”. Isto é, foi uma decisão nascida no coração; não uma consequência de pressões externas. Daniel foi um jovem guiado pela consciência do que é correto diante de Deus e de sua fidelidade a esse Deus.

Em segundo lugar, é-nos dito que foi uma resolução “firme”, que deveria ser mantida independentemente das consequências. Finalmente, essa decisão envolvia a fuga da “contaminação”. O verbo “contaminar”, do hebraico *gā'al*, aparece onze vezes no Antigo Testamento e se refere à contaminação moral ou cerimonial.⁶ Daniel não estava disposto a sofrer nenhuma forma de contaminação disponível em Babilônia.

As implicações são claras para os fiéis de Deus em todos os tempos e lugares. Sempre estaremos sujeitos a situações em que deveremos decidir firmemente não nos contaminarmos. A facilidade com que hoje o indivíduo pode contaminar a mente deve levar a uma reflexão sobre a correção de nossos atos. Ligar-se à internet pode ser o primeiro passo rumo à queda espiritual. É verdade que esse moderno instrumento tecnológico oferece muitos recursos úteis, mas também é verdade que a oferta de “comida e bebida de Babilônia” é quase ilimitada. Esse é apenas um exemplo, e cada pessoa sabe o que representa, para si, o banquete de Babilônia.

Esse “banquete” pode incluir até métodos ilícitos de trabalho e liderança. Lembremo-nos de que Daniel ocupou função administrativa, mas em nenhum momento usou inadequadamente

o poder; jamais se deixou contaminar por procedimentos incorretos que, de alguma forma, o levassem a trair seu compromisso com Deus. Se queremos ser reconhecidos como homens do Espírito, a primeira coisa a fazer é seguir o exemplo de Daniel.

Homem de oração

Depois da graduação, Daniel enfrentou outra crise, quando Nabucodonosor sonhou com uma estátua (Dn 2). Se na primeira o desafio era se manter incontaminado em um ambiente adverso, na segunda, a própria vida estava em risco. Não foi consultado sobre o problema que perturbava o rei, mas mesmo assim, foi condenado à morte com os sábios de Babilônia. Que fez Daniel? Além do fato de buscar informação sobre o assunto e pedir tempo, o que é enfatizado no texto é o clamor que ele fez a Deus. O profeta exortou os companheiros “para que pedissem misericórdia ao Deus do Céu sobre este mistério”, a fim de que todos fossem poupados (Dn 2:18). Como sabemos, a oração foi atendida.

Quase no fim da vida, Daniel enfrentou outra crise ameaçadora (Dn 6). Ao saberem que ele estava para ser promovido, pessoas influentes no reino se uniram para derrubar o idoso servo de Deus. Na famigerada busca de poder, camuflaram seus verdadeiros desígnios sob pretenso interesse religioso. Usaram a religião para satisfação de interesses pessoais escusos. Percebe-se não ser novidade pessoas utilizarem a religião para autopromoção ou auferir vantagens imediatas. Aqueles homens eram movidos pela inveja profissional e não permitiriam que alguém de fora do seu círculo desfrutasse da posição, condição e consideração que eles entendiam como exclusividade do grupo. Assim raciocinando, os conspiradores se uniram e apresentaram ao rei o plano de um decreto que feria os hábitos de comunhão mantidos por Daniel (Dn 6:7-9). Ao perceberem que o profeta não se intimidou (v. 10), pressionaram o rei a cumprir

o decreto e cobraram a execução de Daniel (Dn 6:7, 12, 16).⁷ Não custa lembrar que juntos foram atirados aos leões (v. 24).

Na malfadada trama, “os inimigos do profeta contavam com o firme apego de Daniel ao princípio para o sucesso de seu plano”.⁸ Ou, como afirmou William Shea, “Daniel tinha fé em seu Deus, mas seus colegas tinham fé em Daniel”.⁹ Isso era simplesmente consequência de uma vida de consagração e confiança em Deus. Em sua adolescência, quando chegou a Babilônia, Daniel decidiu se manter fiel aos princípios nos quais havia sido educado e, na velhice, as ameaças de morte não foram suficientes para que ele se rendesse.¹⁰

Assim, Daniel manteve a vida devocional, não alterando “sua conduta num mínimo que fosse”.¹¹ Para ele, a oração não era “um último recurso... mas uma parte integrante de sua vida”.¹² Em outro episódio, ao orar em favor de seu povo, a intensidade com que ele orou a Deus é revelada nos termos “jejum, pano de saco e cinza” (Dn 9:3). Olhando esse exemplo, devemos ter em mente que “só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração”.¹³

Estudante da Bíblia

No fim do capítulo oito, encontramos Daniel perturbado com a revelação recebida. Afinal, como harmonizar os 70 anos de cativo preditos pelo profeta Jeremias com as 2.300 tardes e manhãs?

Diante disso, Daniel tomou uma atitude notável, considerando que era um profeta privilegiado, a quem o Senhor tinha revelado importantes profecias e que recebeu explicações detalhadas de um anjo, a respeito da visão. Tinha comunicação com o Céu. Mas isso não o tornou preguiçoso nem presunçoso. Não esperava receber de forma sobrenatural o que podia ser adquirido naturalmente, embora entendamos que o Espírito Santo ilumina a mente de quem se aplica ao estudo da revelação escriturística. Perplexo, diante da aparente incongruência entre a profecia das

70 semanas de Jeremias e a visão das 2.300 tardes e manhãs, o profeta determinou-se a estudar as Escrituras, em busca de respostas.

Se, num momento de perplexidade, um profeta escolhido por Deus se dedicou a estudar a Bíblia com fervorosa oração, quanto mais deveríamos nos demorar em profunda pesquisa e reflexão sobre as verdades comunicadas pelo Céu! Nesse estudo, podemos nos apegar às promessas contidas no Sagrado Livro, encontrando segurança para continuar a jornada e antecipar seu glorioso final. “Há necessidade de mais íntimo estudo da Palavra de Deus; especialmente devem Daniel e Apocalipse merecer a atenção como nunca antes na história de nossa obra.”¹⁴

Ao mesmo tempo, não devemos nos esquecer de que “o estudo das Escrituras é o meio divinamente ordenado para levar o homem a mais íntima comunhão com seu Criador e dar-lhe mais claro conhecimento de Sua vontade”.¹⁵ “Dá estabilidade de propósitos, paciência, coragem e fortaleza; aperfeiçoa o caráter e santifica a alma”.¹⁶

Testemunha humilde

É uma prática reprovável o indivíduo capitalizar para si todos os êxitos e compartilhar apenas os fracassos. Na verdade, devia fazer justamente o contrário: compartilhar o êxito com os colaboradores e assumir os fracassos. Infelizmente, egos inflados não permitem que o verdadeiro Autor das proezas seja revelado. Às vezes, por trás de expressões piedosas, esconde-se um coração orgulhoso dos próprios feitos, e Deus é usado apenas como trampolim para o indivíduo alavancar a própria carreira, conquistando posições que lhe permitam desfrutar *status* elevado e até benefícios materiais.

Mais uma vez, o exemplo de Daniel merece nossa consideração. Lembremo-nos de que, por ocasião da primeira “realização” (Dn 2), ele não tinha mais que 21 anos. Poderia ter-se deixado levar pela inexperiência,

e aproveitado a chance para exaltação diante da corte babilônica, mas não o fez. Tinha consciência da fonte de sua sabedoria e das revelações recebidas (Dn 2:20, 30). Daniel não procurou chamar a atenção para si mesmo, mas para o “Deus nos Céus, o qual revela os mistérios” (Dn 2:28), que “enviou o Seu anjo, e fechou a boca dos leões” (Dn 6:22).

Como resultado desse testemunho, Nabucodonosor foi levado a reconhecer a superioridade do Deus de Daniel (Dn 2:47), que o “Altíssimo... vive para sempre” e que Seu “domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração” (Dn 4:34), sendo impelido a bendizer, louvar, exaltar e glorificar ao Rei do Céu (Dn 4:34, 37). Semelhantemente, Dario, o medo, reconheceu que “Ele é o Deus vivo e que permanece para sempre... Ele livra e salva, e faz sinais e maravilhas no céu e na Terra; foi Ele quem livrou Daniel do poder dos leões” (Dn 6: 26, 27).

O “eu” deve desaparecer diante da grandeza e majestade do Senhor do Universo, e nosso único desejo deve ser fazer o que estiver ao nosso alcance para que Seu nome e Suas obras sejam conhecidos, e as pessoas se rendam ao Seu poder. ▀

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1., p. 121.
- ² David S. Vanderhoof, *The Neo-Babylonian Empire and Babylon in the Latter Prophets* (Atlanta, GA: Scholars Press, 1999), p. 64-68.
- ³ Zdravko Stefanovic, *Daniel: Wisdom to the Wise: Commentary on the Book of Daniel* (Nampa, Idaho: Pacific Press, 2007), p. 52.
- ⁴ *Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 4, p. 816.
- ⁵ Stephen R. Miller, *Daniel*, ed. eletrônica (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001, c1994 [Logos Library System: The New American Commentary]), p. 131.
- ⁶ *Ibid.*, p. 66.
- ⁷ John E. Goldingay, *Word Biblical Commentary: Daniel* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), p. 125.
- ⁸ Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 540.
- ⁹ William H. Shea, *Daniel 1-7: Prophecy as History* (Boise, Idaho: Pacific Press, 1996), p. 121
- ¹⁰ Gerhard Pfandl, *Daniel: Vidente de Babilonia* (Buenos Aires: Aces, 2004), p. 57.
- ¹¹ Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 541.
- ¹² Jacques Doukhan, *Secrets of Daniel* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 91.
- ¹³ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 121.
- ¹⁴ _____, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 112.
- ¹⁵ _____, *O Grande Conflito*, p. 69.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 94.



Pastor jubilado, residente em Arkansas, Estados Unidos

Jubilação jubilosa

Aposentadoria é um novo começo. Você pode torná-la tediosa ou cheia de aventuras

Aposentadoria é uma palavra proibida para aqueles que dizem: “Trabalharei até o último dia da minha vida”. Para outros, ela devia chegar logo; esses estão mais do que prontos para escapar das pressões e expectativas que, às vezes, lhes roubam o sono.

Em se tratando do ministério pastoral, a experiência da jubilação parece ser diferente para cada pastor. Há muitos pastores aposentados que a desfrutam, outros assemelham-se a um barco flutuante; não têm senso de propósito. E alguns deles limitam-se a vaguear ao redor de grandes igrejas, ansiosos para ser convidados a ocupar o púlpito. Portanto, a visão da perspectiva correta de aposentadoria ajudará, espero, a extinguir alguns pensamentos negativos sobre essa fase da vida.

Dedique-se totalmente

Trabalhar, especialmente como pastor, é algo que merece nossos melhores esforços. “O que suas mãos tiverem que fazer, que o façam com toda a sua força” (Ec 9:10, NVI). Se alguém apenas flutua enquanto está

no período de trabalho ativo, candidata-se a flutuar também ao longo dos anos da aposentadoria.

Certa ocasião, um capelão de hospital disse o seguinte: “Pensei em começar um programa novo para a comunidade. Porém, me faltam três anos para a aposentadoria, e acho um pouco tarde para iniciar alguma coisa nova”. Três anos sem inovação e criatividade podem pavimentar o caminho para uma jubilação melancólica e sem propósito.

Os maratonistas jamais cogitam encurtar o passo na última volta da corrida. Eles fazem o melhor até à linha de chegada. Assim, o pastor deve ser sábio para se engajar plenamente no trabalho, à medida que a aposentadoria se aproxima.

Priorize a família

Os pastores não foram chamados para salvar pessoas da comunidade em detrimento da própria família. A família é a primeira e mais importante missão pastoral. Negligenciá-la durante os anos de trabalho ativo, e você passará a aposentadoria privado da intimidade familiar.

As lembranças da família unida durante os anos de trabalho enriquecerão os anos de aposentadoria. Olhar álbuns de fotografias da família sem que você se veja em muitas delas não será bom para você quando estiver aposentado. Esteja certo disso.

Desenvolva outros interesses

Embora o pastor seja sempre pastor e deva estar pronto para desempenhar tarefas pastorais em qualquer época da vida, a importância de desenvolver outros interesses fora do trabalho jamais pode ser superestimada. De vez em quando, todo pastor necessita dar uma freada nas atividades normais e aproveitar períodos de folga para aprender algo novo. Esses interesses desenvolvidos podem antecipar a garantia de uma jubilação mais agradável. Passatempos experimentados antes da aposentadoria florescerão mais adiante.

Conheço um pastor aposentado que restaura antigos tratores. Frequentemente ele é visto na estrada, dirigindo uma barulhenta reliquia. Sua descontração e os protetores de ouvidos dificilmente o denunciam

como pregador. Outro respeitado evangelista conseguiu satisfazer um longo desejo de viajar de motocicleta pela costa oeste de seu país.

Aposentados que sempre vivem no passado são companhia tediosa. O desenvolvimento de interesses cumpre duas coisas: (1) Você será mais feliz e mais realizado, e (2) manterá contato com outras pessoas, o que abre oportunidades para que se torne boa influência.

Sei de um pastor que desfrutava sua rotina de exercícios físicos em uma academia. Ele gosta de desafiar a si mesmo quando um jovem ocupa a esteira que está ao lado da sua, ou quando vê alguém levantar pesos. E o companheirismo o conserva jovem.

Aceite os novos líderes

Certa ocasião, o pastor de uma grande igreja se queixou de um colega aposentado que se achava livre para opinar sobre tudo na igreja. Evidentemente, o pastor veterano tem valiosas ideias que podem melhorar a efetividade de um jovem pastor. Entretanto, o aposentado sábio dá conselhos apenas quando é solicitado. Aprender e praticar essa regra faz parte das qualidades de um pastor jubilado feliz.

Prepare o caminho para os jovens no pastorado. Imediatamente antes da aposentadoria, colecionie relatórios e informações pertinentes sobre a igreja para seu sucessor. Seja amigo e o anime. Conquiste a confiança dele. Deixe que ele escolha seus conselheiros.

Invista em você

Assim como não havia lugar nem desculpas para a ociosidade quando você era pastor ativo, também não há lugar para a ociosidade na aposentadoria. Você pode encontrar sempre um vizinho que necessita de ajuda, no jardim, gramado, ou qualquer outra coisa. Ser voluntário em ajudar projetos que melhoram a comunidade é uma excelente forma de fazer novos amigos. Permanecer ocupado não é problema para quem procura oportunidades. Aliás, encher o dia com atividades ajuda, inclusive, a acordar cedo.

Continue lendo bons livros, comprando-os ou visitando bibliotecas. Muitas bibliotecas têm uma seção de novos lançamentos publicados. Amplie seus interesses. Se você gostava de história, em seu tempo de estudante, procure novos livros sobre o assunto na respectiva seção. É até possível planejar viagens, pesquisando a seção de literatura sobre turismo.

Há muitas áreas de conhecimento nas quais você pode se especializar, como por exemplo, pintura, música, idiomas. Matricule-se num curso. Seja um caçador de aventuras. Aprenda a tocar um instrumento musical, visite lugares interessantes. Isso ajuda a conservar a mente alerta.

Veja a grande seara

O pastor aposentado vê um campo missionário em todo lugar: no supermercado, ao falar com outros clientes, na vizinhança, nas praças e ruas da cidade. Fazer amizade ajuda a abrir o caminho para que outras pessoas partilhem suas dores, ansiedades, seus temores, frustrações e problemas relacionados a divórcio, desemprego, conflitos familiares, morte e outros.

O mundo é a igreja ou campo de trabalho do pastor aposentado. Ele já não trabalha limitado a uma área específica, mas nada o separa da comunidade mais ampla. Conheça jubilados envolvidos em corais, atividades educativas com crianças, trabalho voluntário em hospitais e instituições da comunidade. Através do trabalho desenvolvido, da amizade genuína e do serviço desinteressado, eles transmitem um claro testemunho em favor da graça de Deus.

Aproxime-se dos jovens

Sempre encontraremos oportunidades para desenvolver interesse e trabalhar em favor de crianças e jovens. No Michigan, um pastor assistiu a uma “escola aberta” em uma instituição de Ensino Médio, e viu um jovem sentado no cantinho de uma barraca. Estava só. O pastor se apresentou e começou a conversa,

perguntando ao jovem a respeito dos interesses dele. Durante meia hora, o jovem falou sobre eletrônica. Seu vocabulário estava cheio de termos técnicos, mas o pastor ouviu atentamente. Ao se despedirem, o jovem disse: “Muito obrigado por me ouvir. Foi muito importante para mim o tempo em que estivemos juntos.”

Se você colocar os jovens no coração, será grandemente abençoado. Eles lhe retribuirão a amizade genuína e acrescentarão muita coisa nova à visão de mundo que você mantém.

Minha história

Tenho encontrado extrema alegria na associação com crianças e jovens. Atualmente, presto serviços como capelão de uma escola fundamental. Uma vez por semana, gasto aproximadamente 15 minutos, contando histórias, fazendo apresentações com instrumentos musicais e partilhando lições de vida. Certo dia, uma menina, que me ouvia atentamente, me acompanhou até o restaurante da escola. No trajeto, ela tomou meu braço e me perguntou: “Você se incomoda se eu o chamar de vovô?” Eu tinha conquistado o coração dela. E quando ouvi a respeito do lar despedaçado em que ela vivia, compreendi que Deus tinha usado este velho aposentado para encher um pequeno espaço em uma vida quebrada.

Uma vez por mês, eu me encontro com residentes de um asilo e dou oportunidade para que cada um partilhe alegrias e tristezas. Cantamos canções da época deles, conto-lhes histórias e almoçamos juntos. Frequentemente, toco algum instrumento musical para eles. Meu coração acelera quando vejo a alegria de velhinhos com mal de Alzheimer cantando hinos conhecidos.

Para mim, a aposentadoria é justamente o começo de um novo capítulo. Portas incontáveis se abrem para mim. Lado a lado com Deus, estou pronto para colaborar no trabalho que Ele tem feito na vida de jovens e idosos. A aposentadoria é o que você faz dela. Comece a planejá-la, agora! ■

Dia do Pastor

EM DIAS DE AFLIÇÃO

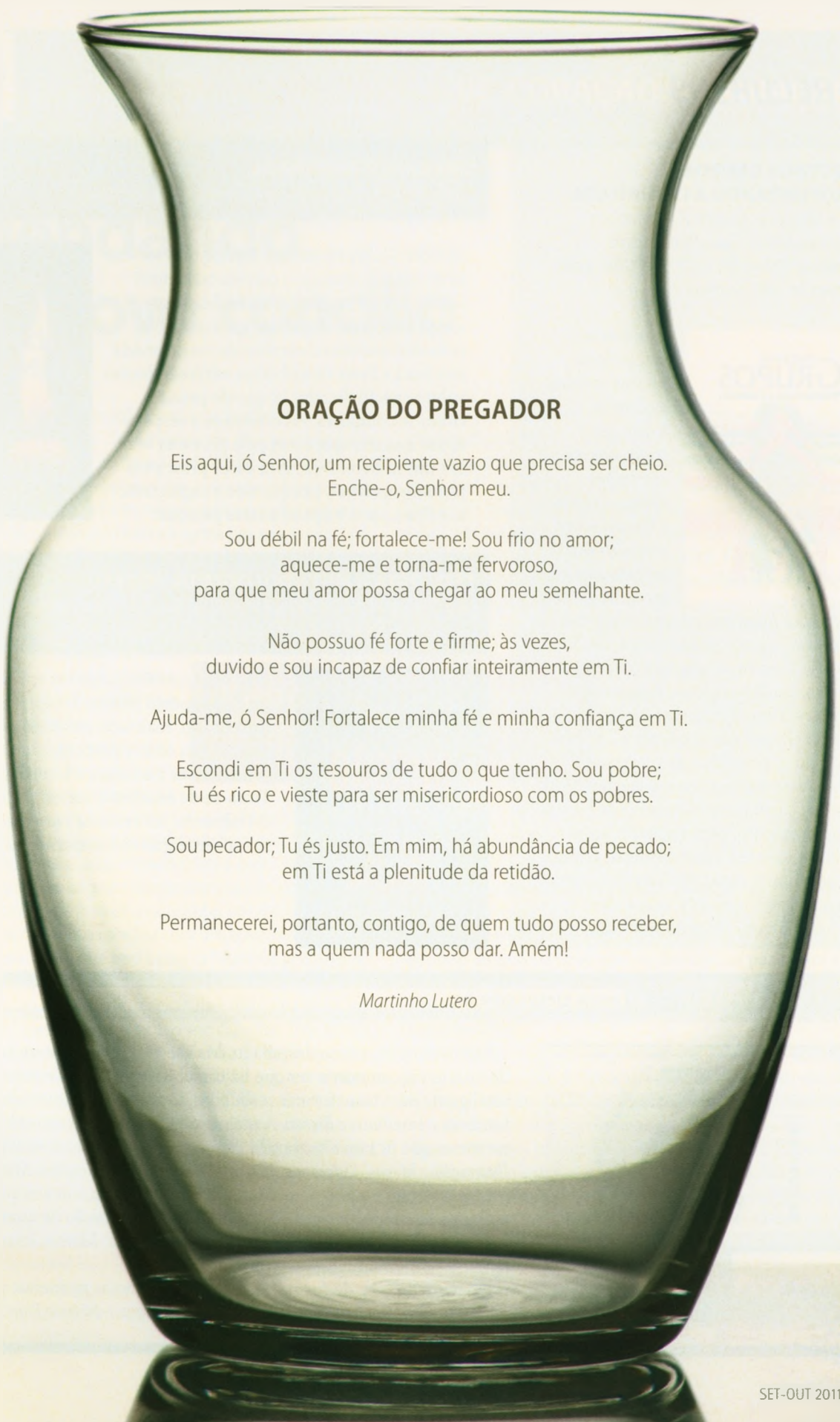
Quando a tempestade da vida fere a alma; quando a saraivada de injustiça desce sobre nós para esmagar a confiança nos companheiros de viagem para o Céu; quando as torrentes da dúvida são derramadas para nos oprimir o coração; quando a enchente da adversidade transborda para nos submergir no desânimo, é então que devemos estar ancorados na Rocha Eterna, a fim de não ser arremessados contra os recifes traiçoeiros, despedaçando-nos no abismo do desespero.

Tempos de crise virão para cada sincero filho de Deus. Amigos darão as costas para nós e nos abandonarão. Atos injustos serão praticados contra nós. Iniquidades porão à prova nossa fé. Nessas horas de severa provação, jamais devemos perder de vista o abençoado fato de que estamos servindo a Deus e não a homens.

Nossa prestação de contas pertence Àquele que conhece as sinceras intenções do coração quebrantado e oprimido. Ele compreende nossos problemas e perplexidades. Lê os motivos e aceita nosso trabalho e sacrifício. Seu sorriso de aprovação descansa sobre nossa devoção. Os que nos louvam hoje, amanhã nos condenarão. Devemos viver acima da mera eleição dos homens.

Homens, e mesmo homens frequentadores de igreja, às vezes cometem erros, porém Deus, jamais! Ele vindicará o direito. Deves cuidar para que Seu sorriso de aprovação repouse sobre ti, e deixar que os homens se enfureçam contra ti. Enquanto estiveres em comunhão com Deus, bem perto do Amigo maior, nada tens a temer.

Leroy Edwin Froom



ORAÇÃO DO PREGADOR

Eis aqui, ó Senhor, um recipiente vazio que precisa ser cheio.
Enche-o, Senhor meu.

Sou débil na fé; fortalece-me! Sou frio no amor;
aquece-me e torna-me fervoroso,
para que meu amor possa chegar ao meu semelhante.

Não possuo fé forte e firme; às vezes,
duvido e sou incapaz de confiar inteiramente em Ti.

Ajuda-me, ó Senhor! Fortalece minha fé e minha confiança em Ti.

Escondi em Ti os tesouros de tudo o que tenho. Sou pobre;
Tu és rico e vieste para ser misericordioso com os pobres.

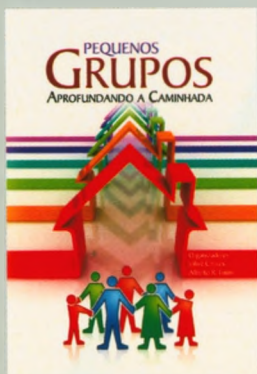
Sou pecador; Tu és justo. Em mim, há abundância de pecado;
em Ti está a plenitude da retidão.

Permanecerei, portanto, contigo, de quem tudo posso receber,
mas a quem nada posso dar. Amém!

Martinho Lutero

PEQUENOS GRUPOS: APROFUNDANDO A CAMINHADA

Jolivê Chaves e Alberto R. Timm
(organizadores), Casa Publicadora
Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606, sac@
cpb.com.br, 240 páginas.



Este livro é o resultado de muitos estudos, avaliações e diálogos realizados em comissões administrativas e fóruns sobre o ministério de pequenos grupos, promovidos pela

Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos últimos anos. Sendo uma coletânea de artigos escritos por teólogos, administradores, diretores de Ministério Pessoal e pastores de igrejas, *Pequenos Grupos: Aprofundando a Caminhada* apresenta os princípios que norteiam a formação e o funcionamento dos pequenos grupos, a partir de seu fundamento bíblico, desenvolvimento histórico, implicações eclesiológicas até a implementação prática. É indispensável para todo líder que sonha com uma igreja relevante, acima das exigências missionárias do século 21.

LIDERANÇA INSPIRADA

Cindy Tutsch, Casa Publicadora Brasileira, 176 páginas.

Se Ellen G. White tivesse escrito um livro sobre liderança, o que ela teria dito? Cindy Tutsch responde especificamente a essa pergunta, depois de ter analisado cuidadosamente os escritos da mencionada escritora e fazer descobertas surpreendentes sobre o perfil do líder, o que ele pensa e como se comporta. As diretrizes a respeito desse assunto aparecem pela primeira vez em um só livro. Descubra esses princípios transformadores, porque eles o capacitarão a influenciar e inspirar outras pessoas.



TEOLOGIA E METODOLOGIA DA MISSÃO

Elias Brasil de Souza (organizador), Seminário Adventista Latino-americano de Teologia,
Caixa Postal 18, CEP 43300-000, tel.: (075) 3425-8030, Cachoeira, BA, 727 páginas.



Esta obra contém palestras apresentadas no 8º Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, realizado em julho de 2009, que contou com a participação de palestrantes nacionais e internacionais. Trata-se de excelente material que, certamente, contribuirá para acentuar a conscientização missionária dos leitores.

VEJA NA INTERNET

www.ejesus.com.br



Muito simples, quase despojado. Mas se você prestar atenção no lema desse site vai começar a ver que há um objetivo maior: Cristianismo inteligente para transformar realidades. O acesso aos conteúdos também é imediato e direto. A maior parte das categorias está listada no menu que fica no alto da tela: *Artigos, Estudos Bíblicos, Família, Ilustrações, Jovens, Liderança, Louvor e Adoração, Meditações, Missões*.

Mas isso não é tudo. Se você rolar a tela até o fim, vai ver que lá embaixo há mais categorias (inclusive com a indicação de quantos textos estão disponibilizados em cada uma). Veja: *Mais e Jesus, Tópicos recentes e Confira também*.

No meio da tela, de forma bem didática, estão as primeiras palavras de cada texto. Se gostar, é só clicar no *Leia mais*. – Márcio Dias Guarda



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Agendando um novo concílio

O primeiro concílio em que todos os pastores adventistas da América do Sul participaram juntos (Foz do Iguaçu, 24-28/05/11) é história. Pastores aspirantes e experientes, líderes e liderados, palestrantes locais e visitantes, seminaristas, todos reiteraram expressões de gratidão a Deus e à igreja por nos terem possibilitado nossa melhor experiência ministerial. Gratidão pelo alto nível espiritual do evento, conteúdo das palestras e dos seminários, informações, materiais, confraternização, ordem, logística e pelo tratamento dispensado. Sim, gratidão pela inspiração e motivação; pelo desafio a termos mais comunhão, com o objetivo de cumprir a missão.

“Meu ministério mudou; não é mais o mesmo. Sou um novo pastor; nunca havia imaginado que sou parte de um ministério tão grande e tão sagrado!” Várias semanas já se passaram depois de ouvirmos muitas declarações emocionadas semelhantes a essa. Agora, o que fazer? Há quem se anime a perguntar quando será o próximo encontro? Deseja você, realmente, um novo encontro como aquele? Podemos sonhar com um encontro no Reino do Céu? Acaso acha que isso é utopia? Apenas a expressão de um desejo? Pura dialética? Frase promocional?

Neemias garantiu que, apesar das dificuldades e adversidades, construiria o muro em 52 dias (Ne 6:15). Segundo o historiador Josefo, isso não poderia ocorrer; talvez, fossem necessários dois anos e quatro meses. Porém, no livro de Neemias 6:16, está a explicação para a previsão do profeta. Até os povos vizinhos entenderam que se tratava de um milagre de Deus. Mas, qual foi o papel de Neemias como líder?

“Com incansável vigilância ele superintendeu a reconstrução, dirigindo os obreiros, anotando os obstáculos e tomando providências para cada emergência. Ao longo de toda a extensão dos cinco quilômetros de muro, sua influência era constantemente sentida. Com palavras oportunas encorajava os tímidos, ativava os lentos, e aprovava os diligentes...”

“Em suas inúmeras atividades, Neemias não esquecia a Fonte de sua força. Seu coração estava constantemente erguido para Deus, o grande Supervisor de tudo. ‘O Deus dos Céus’, ele exclamava, ‘é quem nos dará bom êxito’ (Ne 2:20); e as palavras ecoavam e tornavam a ecoar, comovendo o coração de todos os reconstrutores do muro” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 639, 640).

“Já desde começos do século 20, recebemos por inspiração esta mensagem: ‘Sei que, se o povo de Deus houvesse mantido viva ligação com Ele, se Lhe houvesse obedecido a Palavra, estaria hoje na Canaã celestial’” (*Boletim da Associação Geral*, 30/03/1903).

“Caso houvesse sido executado o propósito divino de transmitir ao mundo a mensagem da misericórdia, Cristo já

teria vindo à Terra e os santos teriam recebido as boas-vindas na cidade de Deus” (Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 72).

Com a ajuda de Deus, vamos manter, aprofundar e expandir a experiência espiritual, vocacional e motivacional obtida no concílio de Foz do Iguaçu. Lembremo-nos de que os dias que os discípulos passaram no cenáculo foram singulares, mas não representaram o clímax da missão. Os grandes feitos aconteceram depois daqueles dias.

Que tal se, em vez de pensarmos em outro concílio perto das cataratas do Iguaçu, pensarmos em um encontro junto ao Rio da Vida? Que tal se, além de ficarmos pensando, também aprofundarmos de maneira fiel e perseverante nossa comunhão com Deus, buscando permanentemente o reavivamento e a reforma, influenciando e contagiando a igreja com nossa experiência espiritual, multiplicando recursos e sendo testemunhas de muitos milagres? Precisamos de mais perseverança na comunhão e mais compromisso com a missão.

Sim, vamos alimentar outros sonhos: o de um concílio ministerial, pela eternidade, junto à Árvore da Vida e ao Rio da Vida, diante do trono de Deus. ■

“Caso houvesse sido executado o propósito divino, Cristo já teria vindo à Terra”

Devocionais 2012

Momentos diários de comunhão
com Deus. Para você e toda a família.

Adquira
hoje os seus



Meditações Diárias
Jesus, a Preciosa Graça
William G. Johnsson
Cód. Broch. 12111
Cód. Enc. 12110

Meditação da Mulher
Declaração de Amor
Várias autoras
Cód. Broch. 12486
Cód. Enc. 12485

Inspiração Juvenil
Amigo é pra essas coisas
Dorothy Eaton Watts
Cód. Broch. 13045
Cód. Enc. 13046

Devocional das Crianças
Crescendo com Jesus
Selma Carvalho Fonseca e
Thiago Lobo
Cód. Enc. 12316

Ligue
0800-9790606*

Acesse
www.cpb.com.br

Faça seu pedido no
SELS de sua Associação

Ou dirija-se a uma
das Lojas da **CASA**

@casapublicadora

cpb.com.br/facebook

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

